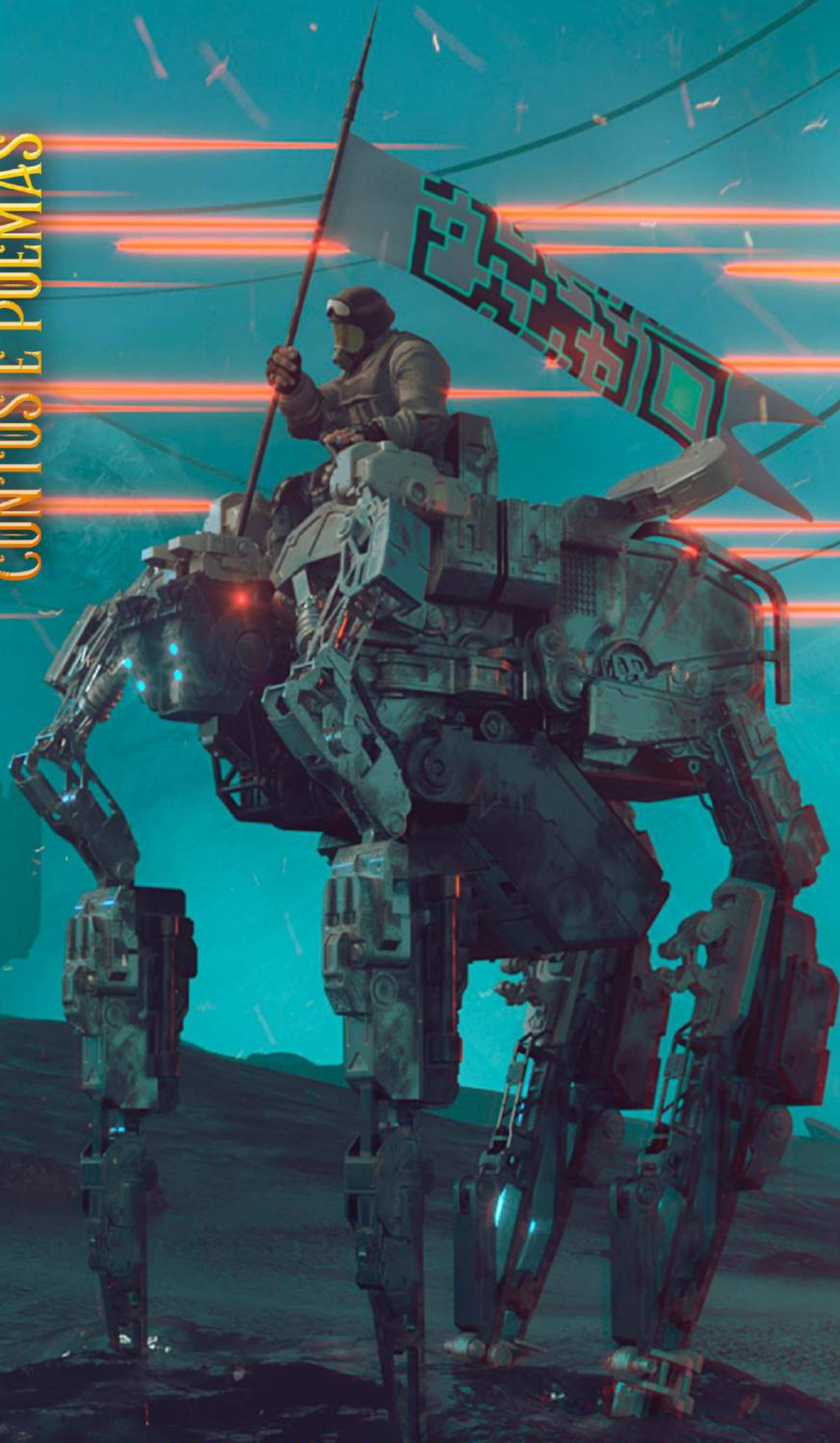


FICÇÃO CIENTÍFICA

CONTOS E POEMAS



ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR



ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores

Obra protegida por direitos autorais

2021

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS OU POEMAS

- Solução veio do futuro, por Augusto Filipe Gonçalves, pág. 05
Alma, por Bert Jr., pág. 10
Quem é você?, por Camila de Nazaré Colares da Rocha, pág. 14
2020: A última viagem, por Cleber Gimenes Freitas e Erica Ribeiro de Almeida, pág. 17
Distopia global, por Clóvis Rezende, pág. 21
Nova terra, por Felipe Ferreira de Jesus, pág. 26
O caminhoneiro, por Gabriel Machado Saccilotto Freitas, pág. 31
Planeta tempo, por Gabriel Machado Saccilotto Freitas, pág. 34
Resgate em Akalantos, por Gilson Salomão Pessôa, pág. 37
Evandine, por Sir_lemontpie, pág. 44
Aposentadoria por validez, por Lucas Brasil S., pág. 49
Hangar 21, por Maria de Fátima Moreira Sampaio, pág. 54
Flor de maio, por Ney Alencar, pág. 59
Combate do amanhã, por Paulo de Barros Gabriel, pág. 65
Probabilidade, por Roan Sousa, pág. 71
Reconstrução, por Roan Sousa, pág. 75
Recomeço, por Roberto Schima, pág. 79
Conheça outros títulos da coleção, pág. 85

Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale
E-mail: ademirpascale@gmail.com

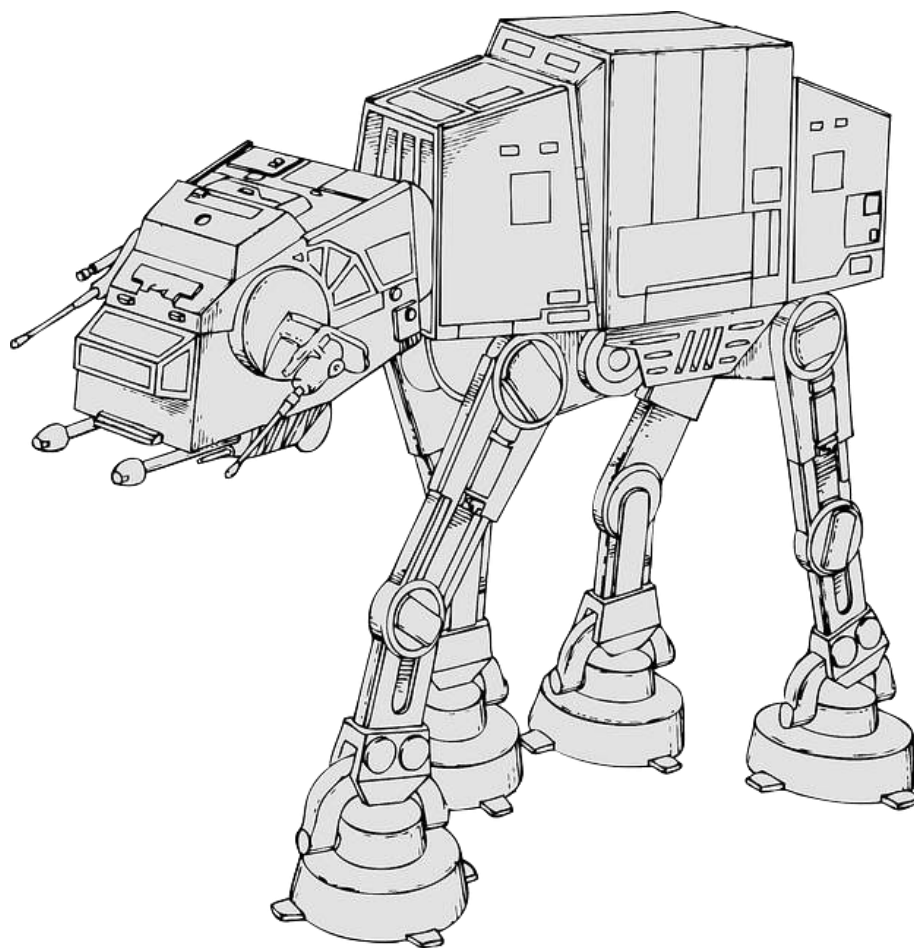
VISITE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

www.instagram.com/revistaconexaoliteratura.com.br

www.facebook.com/conexaoliteratura





“Apenas uma guerra é permitida à espécie humana: a guerra contra a extinção.”

— Isaac Asimov



APRESENTAMOS O CONTO

SOLUÇÃO VEIO DO FUTURO

Por Augusto Filipe Gonçalves

Sobre o autor: Augusto Filipe Gonçalves, nasceu a 20 de Junho de 1984, natural e residente em Penafiel. É jurista de formação e escritor por paixão. Autor de um livro e coautor de diversas antologias, revistas literárias em Portugal e no Brasil.

João e Jorge são dois irmãos do Planeta Soatis que gostam muito de histórias fantásticas, e contrariamente aos terrestres, conseguem dar saltos no tempo, ora para conhecerem a realidade no Planeta Terra outrora, ora para preverem como será no espaço de seis, sete ou até dez séculos.

João decide dar um salto para trás e conhecer Portugal no século XV, enquanto que Jorge, mais dado ao futuro, quis fazer a mesma experiência, mas dando um salto de cinco séculos para a frente.

Eu quero conhecer o passado deste povo! Vou-me teletransportar para o século XV! — diz João com a sua voz robótica de modo feliz

Eu quero conhecer o futuro deles! Quero ver o que vão fazer deste planeta! — diz Jorge com voz roboticamente triste porque ia fazer a viagem sozinho

João assim que aterriza no século XV, fá-lo em Portugal. Descobrimientos, descobrimientos era a palavra de ordem. A descoberta do caminho marítimo para a Índia tinha sido um feito, um autêntico êxito.

As pessoas morriam muito cedo, o escorbuto era uma doença que ataca ferozmente a população, sendo esta abraçada pela morte sem dó nem piedade, as embarcações eram muito frágeis, por isso chegar à terra prometida era um êxito, ora por não se terem todos afogados em pleno mar alto, ora por resistirem as doenças sempre matreiras que apareciam a todo o momento, agravadas pelo facto da medicina de então ser muito básica e primária face à dos dias de hoje.

Porém, nem tudo era mau, as pessoas eram mais fraternas, amigas do seu amigo, o sentido de falsidade não existia e quando alguém ousava dar-lhe uso, rapidamente era excluído de toda a sociedade.

Jorge, não tão curioso pela área da história mas sim da futurologia, vai para o século XXV. Assim que chega ao século XXV tudo é diferente! Era esquisito! Não havia barulho! Ninguém falava, ninguém discutia! Cada pessoa estava excessivamente preocupada consigo mesma, com os objetivos que lhe eram apresentados, sempre em ânsia e mais ânsia e já há muito se perdera o conceito de alegria, felicidade e até mesmo o de tristeza, pois todos eram sentimentos, que era conceito em vias de extinção.

Como é possível? Como é que vocês vivem assim? — pergunta Jorge a Rui, ser do século XXV

Assim? Como assim? Qual é o teu problema? — diz Rui achando toda aquela reação de Jorge estranha

Vocês não riem? Não choram? Sabeis o que é sentimentos? — pergunta Jorge
Sentimentos? O que são sentimentos? — diz Rui como se Jorge falasse uma língua completamente diferente

É algo que faz com que as pessoas prezem estar com outras, tolerem as suas falhas, achem graças aos seus jeitos, pois assim é que conseguimos lidar todos uns com os outros, sem andarmos todos constantemente em guerra uns com os outros! Temos o conceito de interajuda.

Aprendi! Não sabia que se chamava a isso sentimentos! — diz Rui

Vais ver se deres sentimento à tua vida e à daqueles que te rodeiam, ides todos ser mais felizes! — diz Jorge

Felizes? O que é a felizes? — pergunta Rui

Não se diz, o que é a felizes, mas o que é a felicidade? E felicidade olha é aquilo que noto que estás a sentir agora, estás com um olhar mais doce, desculpa sei que não és, mas estás até com um ar «humano», que gera simpatia. Deves trazer sentimentos para o futuro, senão a evolução um dia destruí-vos todos — corrige Jorge

Humano? Também é sentimento? — diz Rui

Sim! Humano é no sentido de ter compaixão e tentar compreender o outro, com os seus problemas! — diz Jorge

Nós somos seres muito completos, pouco ou nada precisamos dos outros! Estamos habituados a cada um contar consigo e só mesmo consigo! Temos sempre metas a alcançar, barreiras a ultrapassar, competição, competição, senão a vida é um marasmo e nós não sabemos viver no marasmo! — diz Rui

Porém se vos habituades a comunicar uns com os outros sereis mais felizes e comunicar pessoalmente, não por meios digitais! Desumaniza as pessoas sem que se dê conta de tal! — diz Jorge

Estou a ver que temos que aprender muito convosco do passado! Dizes coisas por vezes estranhas! Sendo assim, vou chamar a minha família, amigos, amigos da minha família, pois acho que todos precisamos de sentimento e não sabíamos! — diz Rui

Entretanto João telefona a Jorge a saber como vai literalmente no seu mundo.

Estou Jorge! Então como é que é isso no século XXV? — pergunta João curioso

É muito estranho! Ninguém fala com ninguém, não há barulho, agitação, as pessoas não têm sentimentos, estão com todas com a mesma expressão todo o dia! — diz Jorge triste temendo que no século XXI rapidamente fique assim

Não há sentimento? Altos e baixos? Alegria? Ninguém se ri? Mas ao menos choram? — questiona João intrigado

Não! Anda tudo preocupado com a parte intelectual, com a razão, com a ciência, mas a emoção foi completamente ignorada. — diz Jorge

Nem em Portugal? Nem no Brasil? Sim, porque Portugal era conhecido por aquele tipo de música triste que só eles têm que acho que se chama Fado... — diz João cada vez mais perplexo

É verdade, os portugueses estão mecanizados, robotizados, nem sei como se deixaram «engolir» pela razão — comenta Jorge preocupado

Mas ao menos o Brasil, sempre é um país mais quente, lá deve ser diferente...digo eu — pergunta João já a contar contudo

O Brasil sempre manteve aquele espírito festivo, folião, de farra, festa. Sim, aí ainda há samba, forró, festa fresca. Apesar do Homem ter evoluído muito a nível racional, há aqui uma espécie da zona do Brasil, que conseguiu manter a boa disposição sem que a racionalidade tomasse cem por cento conta das pessoas daqui. — diz Jorge

Bem, então ainda estamos a tempo de corrigir o futuro! Temos de espalhar o povo Brasileiro por todo o planeta de forma a que a alegria nunca se perca. — diz João

Conheci o Rui, que é um cidadão do século XXV e diz que nunca riu, nunca chorou, sempre obcecado em cumprir metas e objetivos, sempre com foco no desenvolvimento racional. — diz Jorge

É um problema! Aqui no século XV, é diametralmente o oposto! Há muito atraso civilizacional, mas as pessoas são aventureiras, destemidas e sempre predispostas a animarem-se umas às outras! Muito pouco é da área da vida privada, pois estão sempre prontos a ajudarem-se uns aos outros em tudo, tudo! — diz João

Bem, agora temos de nos reencontrar! Aonde te parece melhor? — pergunta Jorge

Encontramo-nos em Portugal no ano de dois mil e vinte e um! — diz João

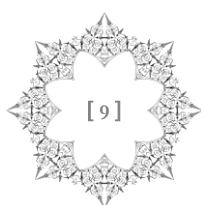
Eu não vou já já! Sabes o mundo em dois mil e vinte e um, está a viver uma pandemia como já não se vivia há muitos, muitos anos! Uma vez que estou no futuro vou levar para dois mil e vinte um curativo eficaz para a Pandemia que eles estão a viver desde dois mil e dezanove, daí ser chamada COVI 19! — diz Jorge

Em dois mil e vinte e um, ainda há Pandemias? Com tanta evolução? — diz João boquiaberto

É verdade! Estou aqui a falar com os seres do século XXV que estão a arranjar comprimidos, supositórios, ampolas, xaropoes gotas de medicamentos de forma a que tudo não passe de um choque e a humanidade continue! — diz Jorge

Então sendo assim, leva o máximo que puderes, pois temos de salvar os terrestres! — diz João

Jorge assim que chega a dois mil e vinte e um, através do seu conhecimento do futuro, consegue corrigir a rota da humanidade e apresentar a cura de tal doença, chama o irmão João para regressar do passado. Ambos abraçam-se, assim como toda a gente, se pode voltar a abraçar, sentir calor humano, a proximidade pessoal e a felicidade fazendo com que o até então pesadelo, fosse motivo de as pessoas voltassem a ser mais humanas, valor que estavam a perder.





APRESENTAMOS O CONTO

ALMA

Por BERT JR.

Sobre o autor: Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Depois de graduar-se em História pela UFRGS transferiu-se para Brasília, a fim de cursar Diplomacia no Instituto Rio Branco. Em sua experiência como diplomata já conheceu vários países. Escreve poemas e contos, havendo publicado seu livro de estreia na ficção, "Fict-Essays e contos mais leves", no final de 2020. Também compõe músicas e letras, considerando-se um "violonista amador intermitente". Mantém perfis nas redes sociais para a divulgação de seus trabalhos literários e musicais. Tenciona publicar, em breve, um livro de poesia e um segundo volume de contos.

Era de noite quando ela surgiu. Detrás de uma nuvem estacionada em minha mente, tal como um astro cujo magnetismo nos torna satélites. É um processo que se percebe, sim, mas assim...de um modo quase natural. Parecia descida do andar de cima de algum objeto invisível, que pairasse na escuridão reinante antes de seu brilho haver-se ativado. Fui besta por um intervalo de tempo incalculado. O que precedeu aquele instante perdia o interesse, talvez para sempre, e ali fiquei, extático, sentindo o fluxo das coisas que se desprendem no curso de nosso próprio mistério. Tornei-me síntese de mim mesmo. Enraizei-me no átimo. Um tornado não poderia arrancar-me do ponto em que finquei o pé.

Caminhamos juntos uns quantos passos, que bem podiam haver recoberto quilômetros. Reparei, com grata surpresa, os cenários noturnos ao abandonarem seus negros casulos, impelidos pela estranha irradiação proveniente da criatura a quem seguia. Soprava um vento pela trilha. Seus cabelos, erguidos, esvoaçavam num balé de pernas mais do que flexíveis, umas grossas, outras finas. E se mantinham no ar por um tempo que transcendia a contagem do tempo. Como se outra gravidade atuasse em torno dela, uma força de elevação, em sentido contrário ao da terrena. Ou uma polaridade insuspeita imantasse seu corpo. Até que aos poucos, sutilmente, os feixes de cabelo iam tornando a recair-lhe à frente e atrás dos ombros.

Paramos no topo de um monte, espécie de promontório à beira mar. Queríamos muito observar a língua das ondas, lá embaixo, a salivar contra a dentadura de rocha nos maxilares da encosta. O ar escuro não permitia. Então, no que nossos olhares se encontraram ela inclinou o queixo na direção do peito. Não foi timidez. Queria levar-me a algo. Seu rosto se dissolveu no clarão que lhe vinha subindo de dentro do vestido alvo e de longas mangas, com pequenos botões perolados, alinhados da gola circular até um centímetro antes do umbigo. Meus dedos trêmulos intuíram o significado do gesto e puseram-se a desabotoá-lo. Ansiava o momento de poder ver seu torso livre de obstáculos, apalpá-lo, conhecer do que era feito. Mas de dentro da fruta que se abria emergiu uma luz fortíssima, pois em lugar do coração era uma estrela o que ali pulsava.

O jorro de luz me fez recuar, ferido de brilho e susto, até ultrapassar a fronteira do despenhadeiro. Um calcanhar em falso bastou para verter meu corpo pela goela do precipício. Temi-me em pedaços, mastigado por dentes de pedra. Contudo flutuei, embalado ao ritmo da luz que brilhava. Era um ritmo binário como o de uma canção, tendo

o tempo forte em prata e o fraco em âmbar. Logo velejava sobre uma jangada, sem pensar em mais nada além de céu e mar. Juro que não quis voltar.

Meu trajeto deu-me a certeza de uma amizade antiga, recém-descoberta, com o vento e as correntes marinhas. Ideias nas alturas, coração nas funduras de um território sem limite, sem dono. Vi um céu diferente ir formando-se aos poucos na linha do horizonte. Amanhecia e eu já não reconhecia temores em mim. O futuro já não dependia de nenhum tipo de sorte. E junto com o céu de pintor, ia ganhando cores e contornos a imagem do homem que eu desejava ser. Entretanto, à medida que outra luz ia afirmando sua predominância, o ritmo que embalava a jangada se enfraquecia. Será que minha jornada terminaria, sem aviso, devido às ordenanças do dia? O que faria com tanta promessa silenciosa, de cujos enunciados eu levava trechos tatuados nos olhos, no peito, na pelagem da mente? Juro que não quis voltar.

Mas a ela voltaria, não estivesse a própria a propelir-me ao encontro de aventuras e experiências intraduzíveis.

Quando, por fim, acentuou-se o declínio de sua luminosa energia, corri para reencontrá-la e estava pálida, fria. Era visível que se esforçava por concentrar no âmago do olhar o que ainda retinha de luz. Aproximei-me, sôfrego, a esboçar delicadeza, sensível a seu estado de esgotamento. Todo meu ser se esmerava por dar-lhe alento, e para isso era preciso aquecê-la mediante um abraço, cobri-la de carícias, transmitir-lhe fôlego novo num beijo longo. Mas, antes que um beijo, ela deixou-me aceso o desejo de algo melhor.

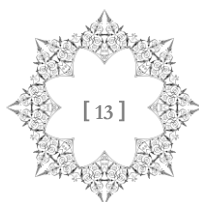
Juro que não quis voltar.

Mas voltei. E junto a ela velei para além da manhã, inventando uma religião própria apenas para presentear-lhe algumas horas mais, pois teimava em convencer-me de que a estrela em seu peito tornaria a brilhar com a chegada do entardecer. Devo confessar, porém, que o cansaço da intensa jornada veio cobrar-me, justo naquele momento do dia, a dívida de sono que havia acumulado. Assim, ao início da tarde, adormeci. Uma vez mais me vi sobre a jangada, porém num mar que agora se estendia, num plano inclinado, rumo ao céu. Despertei antes de chegar e fiquei sem saber o que teria encontrado lá em cima. De maravilhas, as últimas horas tinham sido misteriosamente pródigas. Olhei em volta, procurando aquela a quem me ligara de forma tão inextricável, apenas para constatar que não se encontrava onde a tinha deixado. Corri a vasculhar os cômodos — e nada! Atinei, então, de ir buscá-la do lado de fora e achei-a para além do

pátio dos fundos, num terreno baldio, vizinho ao da casa. Percebi que, ao ver-me, manteve o pé direito suspenso no ar, como se prestes a montar num degrau invisível. Desesperado, fui ter com ela. Querendo retê-la, agarrei seu braço esquerdo. Ela me olhou com ternura. Também ela jurara não querer mais voltar, mas voltava. Desfez-se, como por mágica, da manga esquerda do vestido, e senti minhas mãos segurando um pedaço de tecido vazio e inútil. Implorei, entre soluços, para que me revelasse ao menos seu nome. Num gesto de inestimável apreço, segredou-me uma única palavra, que me lançou ao ouvido. Perdi imediatamente os sentidos.

Horas depois acordei. Alguém me trouxera para casa e depositara na cama. Quem fez isso também tivera o cuidado de tirar a minha roupa e me cobrir com lençol e manta. Sentei devagar, recostando-me contra a cabeceira, e pensei nela e na cena de sua partida. Logo me veio à mente a palavra que sussurrara antes de ir-se, e a partir dessa várias outras foram aflorando, num desfiar de frases inteiras. Anotei tudo, uma parte após outra, até que o texto se completou, tomando a forma de um conto. Nunca fui dado às artes, sou fraco com as palavras, mas acho bonitas as que escrevi. Para mim, foi ela quem gravou esse texto em meu cérebro, assinado com uma grafia muito próxima da minha, como uma espécie de recordação caso chegue o dia em que não pense nela. Se assim foi, soube traduzir bem demais a sensação de tudo quanto vivi no arco de um tempo que foi presente.

De minha parte, decidi dar seu nome à história, embora não saiba se a irei publicar ou não. As pessoas relutam tanto em acreditar...





APRESENTAMOS O CONTO

QUEM É VOCÊ?

Por Camila de Nazaré Colares da Rocha

Sobre a autora: Camila de Nazaré Colares da Rocha nasceu em Belém do Pará e ainda criança mudou-se com a família para Macapá-AP, cidade que a acolhe até hoje. Graduada em Letras Bacharelado pelo Instituto de Ensino Superior do Amapá (IESAP), em 2007, e em Letras Licenciatura pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), em 2013. Trabalha como professora de Língua Inglesa no Instituto Federal do Amapá (IFAP). Em seus escritos, Camila explora seu eu (des)conhecido, assim como, as possíveis reflexões acerca de temas atemporais como a morte e a mente humana.

Era mais um dia, normal, corriqueiro, e enfadonho para mim. O despertador tocando, eu pulando da cama, o espírito ainda dormindo, eu vagando até o banheiro, e já pensando no café da manhã, sem esquecer que tenho exatos 30 minutos para chegar ao trabalho.

Banho tomado, café com torrada, casa trancada. Dentro do carro estou, e sigo a caminho de mais um dia de trabalho. “Bom dia”, digo ao porteiro, sento-me em meu escritório, e eis que nas seis horas seguintes eu terei de ser produtivo, pontual, gentil e perspicaz. Tudo o que tanto a sociedade moderna, quanto o mercado de trabalho esperam de mim: Um jovem homem de 30 anos, recém formado.

E ao longo da narrativa, o meu dia chega ao fim, regado a mais um copo de café, dessa vez acompanhado de uma rosquinha. Dentro do carro estou, e a caminho de casa vou.

Chegando em meu lar, deito este corpinho de trinta com coluna de setenta no sofá, afim de assistir algo que prenda a minha atenção. Zapeando os canais, vejo que um milionário norte-americano financiou pesquisas científicas para garantir que no futuro haja vida após a morte de cadáveres congelados em técnicas modernas de criogenia.

Vi ainda, que daqui há cinquenta anos, pacientes com órgãos inoperantes, poderão ser transplantados com coração ou cérebro de mamíferos, como macacos e porcos. Achei isso tudo informação demais para um dia só, e fui dormir.

Cuco, cuco, cuco. É o despertador me acordando para mais um dia de trabalho. Abro os olhos, e olhando em volta me indago: Que dia? Que trabalho? Se agora tudo o que vejo mais me lembra um quadro de Salvador Dalí. Cadê a minha cama? Minha casa? Meu chão?

Meu medo se aproxima de mim e me pergunta: Me encaras? Ou foges? Resolvi encarar. Vi que meu medo tem gosto de celular, posto que foi na mensagem não respondida, e na mensagem não lida, que eu deixei de ver o desconhecido e de viver o inesperado.

Ora medo, o que queres de mim quando arriskas a minha própria vida? Naquele momento, algo dentro de mim dizia para ir mais a fundo, buscar por respostas, eis que então, vi um agrupamento de pontos, vértices, elipses, clarões intensos que me levavam

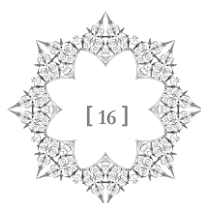
ainda mais para dentro, em busca de algo que quer ser encontrado, e em posição fetal, me permito viajar no tempo-espaço que se encontra em meu vão pensamento.

Abro os olhos; me refiro aos olhos que enxergam para dentro de mim, e me vejo humanóide, transgênico, como que se não me coubesse em mim, haja vista que, meu coração pulsa como o de um porco e minha cabeça pensa como a de um macaco, posto que estou preso, em frente a TV da minha sala, sem saber se sou homem, porco, ou macaco.

Assisto a mim mesmo, como se não pudesse me vivenciar, me doer, me chorar. Eu, agora massa cinzenta que se arrasta a 400 quilômetros mais a fundo para dentro de si.

Na profundidade em que cheguei agora, sinto o cheiro do café, e cá estou, metade quente, metade líquido, na metade de uma xícara, sendo bebido pela natureza selvagem que faz de mim, metade humano, metade animal. E na calidez embrionária do sol da manhã, acordo para fora de mim, em mais um “cuco”, para trabalhar na selva de pedra, como um homem-animal em busca da presa que desponta em ligeira correria.

E despertando para mais uma manhã de trabalho, desejo a todos: Um excelente dia!





APRESENTAMOS O CONTO
2020: A ÚLTIMA VIAGEM

Por Cleber Gimenes Freitas e Erica Ribeiro de Almeida

SOBRE OS AUTORES:

CLEBER GIMENES FREITAS

É graduado em Letras e Filosofia e pós-graduado em Educação Especial na área de Altas Habilidades/Superdotação. Atualmente é professor de Língua Portuguesa na rede municipal de São Paulo. Leitor de Poe, Lovecraft, Wells, Doyle... Participou de algumas antologias de contos e poemas. Gosta de escrever terror (com uma pitada de humor), mas também se dedica ao universo infantil.

ERICA RIBEIRO DE ALMEIDA

Possui formação em Canto Técnico pelo Conservatório Dramático Musical de São Miguel - Oreste Sinatra, graduação em Educação Artística e pós-graduação em História das Artes e Arte Educação. Atualmente é professora de Arte na rede municipal de São Paulo. Leitora de Neil Gaiman, Poe, Lovecraft, Stephen King e terrores afins, participou de algumas antologias de contos.

“(...) decidi aguardar o retorno do Viajante do Tempo. Aguardar por sua segunda narrativa, que talvez fosse ainda mais estranha que a primeira, e pelos espécimes e fotografias que certamente traria consigo. Mas, começo a desconfiar que talvez tenha que esperar minha vida inteira, já que o Viajante do Tempo desapareceu há três anos e, como todos sabemos, ele nunca mais voltou.” (**A máquina do Tempo** – H. G. Wells)

Quando a máquina do tempo parou, seus marcadores mostravam o dia 31 de março de 2020. O Viajante do Tempo estava confiante de que aquela seria uma época de paz e bem-estar, com a ciência e a razão guiando a humanidade, num mundo sem fome, doenças e classes sociais, embora ele soubesse que essa sociedade perfeita acabaria se degenerando ao longo dos séculos, culminando no involuído ano de 802701, onde selvagens morloks devoravam dóceis e frágeis elóis. Nem mesmo a lembrança do planeta desolado, habitado por caranguejos gigantes e com a raça humana extinta, diminuía sua esperança e fé no ano em que ele acabara de chegar. Mas, assim que deu os primeiros passos fora da máquina, todo o seu otimismo caiu por terra.

Não foram os meios de transportes, os edifícios ultramodernos, os smartphones ou outras surpresas tecnológicas que impressionaram o nosso viajante, mas sim a intensidade com que a estupidez, o egoísmo e a violência dominavam o homem daquele tempo. Sua primeira decepção aconteceu quando viu as pessoas na rua, todas usando máscaras de proteção. Ele imediatamente deduziu que alguma doença terrível infestava o ar, uma doença infecciosa e certamente letal. A humanidade, para sua tristeza, não havia conseguido se livrar das pragas. Assustado, pensou em voltar para a máquina, mas ela tinha sido levada por catadores de materiais recicláveis, sem que ele percebesse.

O viajante cobriu o nariz e a boca com o casaco e tentou caminhar entre a multidão, quando foi agarrado por um indivíduo que, diferente dos demais, não usava máscara. “Vejam, eu não sou o único que desconfia! Ele também está sem máscara! Não existe Covid-19! Isso é uma invenção dos chineses!”, gritava o homem, completamente ensandecido. Decepcionado pela segunda vez, ele conseguiu se desvencilhar, mas foi abordado logo em seguida por outro sujeito, igualmente fanático, que lhe entregou um folheto com os seguintes dizeres:

Palestra com o Doutor Otávio de Carvalho:

A TERRA É PLANA!

Transmissão pelo canal Terraplanismo no YouTube,
ou pela nossa página no Facebook.

Data: 1º de Abril de 2020.

Patrocínio: Lojas Cavan.

Ele não sabia o que era o “YouTube”, nem o “Facebook” e nunca tinha ouvido falar das “Lojas Cavan”, mas sabia perfeitamente o que queria dizer “Terra Plana” e descobrir que em pleno século XXI existiam pessoas que ainda negavam a esfericidade do nosso planeta foi a sua terceira decepção. Naquele momento, o viajante foi tomado por um desconcertante sentimento de vergonha alheia e mentalmente pediu desculpas a Galileu: “Eles não sabem o que dizem”.

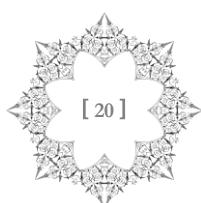
O Viajante do Tempo seguiu meditando sobre a estupidez humana, prestando pouca atenção às maravilhas tecnológicas a sua volta, quando sentiu alguém puxar a barra de sua calça. Um mendigo, aparentemente aleijado, lhe estendia a mão, reclamando da fome e suplicando por algum trocado. Sua quarta decepção: a sociedade sem classes, justa e igualitária, fundada nos princípios do comunismo, não tinha acontecido. Ele olhava para aquele homem maltrapilho, rodeado por dois cães e três gatos, procurou alguma moeda nos bolsos, mas não encontrou nada, exceto um pequeno relógio de ouro, preso a uma corrente também dourada. Sem pensar duas vezes, decidiu doar ao pedinte seu único objeto de valor. Mas, antes que pudesse entregá-lo ao mendigo, um indivíduo armado surgiu, anunciando um assalto. O violento século XXI o decepcionava pela quinta vez. Ele lembrou dos criminosos do seu tempo, como o terrível Jack Estripador e o mão leve Charles Peace, enquanto permanecia imóvel, sob a mira do revólver. Já o mendigo, que não era verdadeiramente aleijado, levantou-se e saiu em disparada, acompanhado por seus cães e gatos.

Quarenta e três minutos após a sua chegada, o Viajante do Tempo foi baleado durante um assalto, mesmo sem ter esboçado nenhuma reação. Caído na calçada, ele recebeu os primeiros socorros e depois foi levado ao hospital, inconsciente. A chegada daquele paciente, estranhamente trajado e sem identificação, deixou médicos e enfermeiros intrigados. A história chamou a atenção de um jornalista, que publicou em seu blog uma matéria sobre o “caso do paciente não identificado, vestido com roupas do século

XIX”. Uma semana se passou e ele continuava em seu leito, ainda inconsciente. Os médicos não estavam muito otimistas quanto a sua recuperação e a situação, que já era ruim, piorou quando ele contraiu Covid-19 dentro do hospital. Restavam-lhe poucos dias de vida.

Alguns dias depois, debilitado e muito perto da morte, o viajante recobrou a consciência por um momento, abriu os olhos, mas a visão turva o impedia de enxergar as coisas com nitidez. Ainda assim, tentou examinar a sua situação, percorrendo o quarto com os olhos. Notou luzes piscando a sua volta e uma aparelhagem que ele não conseguiu identificar. Sua vista foi ficando cada vez mais embaçada e sua mente cada vez mais confusa. Então, lhe veio a lembrança de Weena, a pequena elói, sua companheira de aventuras no distante século 8028. “Foi bom conhecê-la”, pensou com ternura, e chegou à conclusão de que, por ela, tinha valido a pena construir a máquina do tempo.

De repente, notou que uma figura imprecisa e esbranquiçada se debruçava sobre ele. Depois chegaram outras duas e juntas começaram a apalpá-lo e se comunicarem entre si. O som de suas vozes era abafado e incompreensível para os ouvidos prejudicados do viajante. Sem poder gritar ou se mexer, ele viveu instantes de terror e agonia. “São eles! Criaturas pálidas, sem melanina! Eles já estão aqui! Eles, os terríveis morloks!”, pensou, delirante. Em seguida ele fechou os olhos e, no dia 14 de abril do Ano da Graça de 2020, o Viajante do Tempo fez a sua última viagem.





APRESENTAMOS O CONTO
DISTOPIA GLOBAL
Por Clóvis Rezende

Sobre o autor: Clóvis Rezende acredita que a leitura tem o poder de modificar o mundo, leitor assíduo, recentemente começou a se aventurar na área da escrita, colocando suas ideias no papel e de alguma forma expressando sua visão sobre o mundo e tudo que o cerca.

Pelas minhas contas devemos estar no ano de 2043, meu nome é Nataniel ou costumava ser, nomes não importam mais, hoje faz muito frio e está chovendo, acredito que já deve passar do meio-dia, estou sem comer nada sólido há 3 dias, sigo meu caminho junto com alguns afortunados tentando sobreviver ao caos. Eu vivo no Brasil, na verdade tento sobreviver no que restou dele, 14 anos atrás o mundo entrou em colapso total, e desde então venho tentando sobreviver a todo custo na única região habitável do planeta, vou contar um pouco de tudo que aconteceu, e como o mundo ficou assim.

Pelo que me lembro tudo começou no ano de 2021, quando um cubo comunicativo eletrônico foi lançado pelas maiores marcas de telecomunicações no mundo inteiro, eu que tinha 16 anos na época não me empolguei com aquilo, eu fui criado de uma forma simples com a menor quantidade de tecnologia possível. Meu pai era ex-militar, e insistia para que eu aprendesse em todas as horas de meus dias, quando eu era pequeno reclamava a todo instante, pois via os brinquedos e apetrechos eletrônicos das outras crianças, e queria ter aquilo também. Mas aos poucos fui me acostumando, e à medida que crescia, aumentava em mim a gana em aprender, devorava livros e mais livros. Meu pai que era avesso à forma com a qual a tecnologia era utilizada, usava todos os recursos disponíveis para nos trazer conhecimento, através de livros e também com profissionais de diversas áreas. Mas vamos voltar ao cubo, que hoje entendo que foi o gatilho para tudo que aconteceu posteriormente, e para o derradeiro fim do mundo como conhecíamos. Esse cubo tecnológico era extremamente pequeno, com apenas 4 centímetros em cada face, cabia na palma da mão. Porém seu tamanho não era compatível com sua capacidade tecnológica. Ele usava nanotecnologia, e integrava o que havia de melhor na época em termos de processadores e outros periféricos necessários, e aprendia com cada interação. Nesse pequeno cubo, era como se você tivesse vários computadores trabalhando para melhorar sua vida, inclusive esse era o slogan deles. Os governantes de todo mundo apoiaram e liberaram recursos para que essa nova tecnologia fosse acessível a todos. Esse cubo respondia a comandos de voz, e reunia todas as mídias sociais, sem que o usuário precisasse migrar de uma para outra. Lembro que comentei com meu pai sobre o lançamento, e ele respondeu:

— Todos estão atestando sua condição de rebanho, cada dia pensam menos por si, e isso será a ruína de todos!

E ele estava certo, lembro que na escola em que eu estudava na época, todos estavam maravilhados com a novidade, o cubo projetava hologramas, e sua inteligência artificial escolhia a luminosidade e tons de cor que agradavam ao usuário, tudo baseado nas informações obtidas nos perfis das mídias sociais, e isso fazia com que cada pessoa sentisse que era especial e única, o usuário não precisava mais pensar em nada, o cubo dava as opções do que comer, vestir, ouvir, e se expressar. A comunicação direta entre as pessoas, estava cada vez mais escassa. Com a popularização do cubo, as aulas se tornaram mais difíceis, os professores e os poucos alunos que ainda frequentavam a escola, estavam todos extasiados com a “maravilha tecnológica”. Eu via tudo e me sentia diferente, mas não deslocado ou algo do tipo, sentia que graças à sabedoria de meus pais, eu pensava por mim mesmo, enquanto todos se preocupavam com as modas superficiais e sentimentos fúteis, que ditavam a ritmo da vida deles, eu buscava aprender mais a cada dia e a cada momento.

O tempo passou e o cubo ficou acessível a todas as pessoas, frequentemente ouvíamos notícias de políticos, entregando pessoalmente lotes de cubos para pessoas menos favorecidas, claro que na grande maioria das vezes eles estavam tentando angariar novos eleitores através da velha fórmula “pão e circo”. Mas a questão é que o cubo era realidade em quase todas as comunidades do planeta, e as mudanças, sempre previstas pela sabedoria de meu pai, foram acontecendo sem que ninguém notasse. Ao utilizar as tecnologias do cubo, o usuário aceitava que computadores tivessem acesso a todas as suas informações pessoais, bem como, tomasse algumas decisões por ele, baseado em suas últimas interações. Todos ficavam extremamente felizes em ver que o cubo fazia exatamente o que eles pensavam em fazer. Provavelmente com uma pré-programação, ou controle externo, o cubo foi moldando a opinião das massas a favor de temas antes controversos. Utilizando-se de subterfúgios e linguagem subliminares, o cubo fazia com que a grande massa populacional achasse normal e aceitável a crescente violência e degradação social, todos eram manipulados, seguindo um ritmo e uma cadência pré-determinada. O cubo passou a ser o sistema operacional de casas e de toda linha de automóveis, ele controlava também os meios de comunicação. Em 2026 os governantes do Brasil e de outros países, fizeram um acordo em relação à Amazônia, e decidiram que seria o mais prudente para a humanidade que cada nação contribuísse para que se instalasse na floresta Amazônica, um centro das nações mundiais, com o intuito de prevenir desmatamentos por parte de qualquer um, pois uns vigiariam aos outros, e teriam

que enviar relatórios periodicamente para a ONU e para as Nações Unidas. Na época eu achei a atitude louvável, mas meu pai, em sua sabedoria me alertou dizendo:

“Agora eles aceitaram e endossaram a permanência dos estrangeiros na Amazônia, logo os brasileiros não vão poder utilizar suas terras!”

Em poucos meses o complexo já havia sido construído, até noticiaram sua inauguração, depois de alguns meses a mídia perdeu o interesse na questão, e tudo parecia normal. Mesmo não sendo adepto do uso constante da tecnologia, eu entendia que precisava ficar a par das notícias, e assim acabava usando computadores e um celular, e com isso recebia notícias em tempo real do que acontecia, claro que muitas vezes eram notícias falsas, mas o que estava nas entrelinhas das notícias, era sempre verdade.

No final do ano de 2027, os governantes se reuniram e assinaram um tratado, que liberava a entrada constante dos estrangeiros na instalação da Amazônia, sem que estes precisassem se reportar ao governo, mais uma vez meu pai acertou.

Em 2028 outro decreto foi assinado, proibindo a entrada de pessoas não envolvidas no projeto, fecharam as fronteiras da região com soldados de vários países. Meu pai ficava indignado com todas as coisas que aconteciam, mas ao partilhar sua opinião, era taxado como teórico da conspiração, pois todas as pessoas haviam perdido seu senso crítico ou pensamento independente.

Em 2029 o caos se iniciou, primeiro a bolsa de valores dos Estados Unidos decretou queda sem precedentes, mais impactante que a crise de 1929, logo em seguida as bolsas de outros países começaram a ruir. Os governantes de todos os lugares não encontravam saída para o aturdimento econômico, grandes empresas começaram a demitir em massa, pequenas empresas faliram em dias. O vandalismo cresceu em ritmo alucinado, a maioria das pessoas acreditavam em todas as mídias que distorciam ainda mais a verdade. O resultado de tudo isso, foi a total evasão escolar e acadêmica, abandono de empregos, degradação econômica, e violência sem igual. Em junho do mesmo ano, ficamos sabendo da guerra que se iniciava, um país culpava o outro e a catástrofe nuclear foi iminente. Por algum milagre ou por termos a cordilheira dos andes como nossa vizinha, o Brasil não foi todo destruído, o mundo deve ter sido todo devastado, desde o ocorrido não soubemos de outros sobreviventes. Tentamos arar a terra e cultivar alimentos, mas os resultados não são positivos, o solo e a água devem estar contaminados, sobrevivemos como baratas vasculhando em restos de cidades e casas.

Nomes, raças, religiões, política, nada disso importa mais, hoje os sobreviventes são uma única espécie em busca de sua continuidade, poderíamos ter avançado muito como humanidade, se tivéssemos ouvido a voz interior que nos faz voltar sempre ao básico, teríamos entendido que nossa principal meta era sermos felizes em harmonia com a natureza e com tudo com o que fomos agraciados. Não precisamos de muito para viver, a maioria das coisas que construímos são inúteis ou fúteis, hoje amargamos todas as decisões equivocadas que tomamos como raça humana pensante e dominante, imagino que a tecnologia do cubo havia se espalhado por tudo e tomando as decisões baseadas nas interações de seus usuários, espalhou mentiras e futilidades que era o que todos consumiam, enquanto os problemas reais aumentavam, o que deve ter resultado no primeiro disparo que desencadeou toda a guerra e posterior destruição nuclear.

Caminhamos sob a chuva, tristes e doentes, torcendo para poder viver mais um dia em uma total distopia global.





APRESENTAMOS O CONTO

NOVA TERRA

Por Felipe Ferreira de Jesus

Sobre o autor: Felipe Ferreira de Jesus é formado em psicologia, pós-graduado em Cinema, roteirista e escritor iniciante, apaixonado por ficção científica e universos distópicos.

A minha espaçonave saiu da velocidade supersônica, com meu braço biônico conferi se a capsula acoplada ao meu peito continuava intacta, em seu interior, o motivo da minha missão, um bebê de apenas três meses, o último ser humano nascido de forma natural em todo o planeta em cinco anos. Esse pequeno pedaço de vida já parecia acostumado com o balanço frenético do meu corpo nas batalhas que enfrentamos até chegar aqui.

O navegador da espaçonave apitou freneticamente, tínhamos chegado ao destino secreto, havia recebido a localização segundos atrás, que base misteriosa do governo seria essa? Assim que atravessei as nuvens me deparei com um grande campo de batalha, eram humanos, robôs, veículos militares e espaçonaves em uma luta ferrenha. Ao norte, eu visualizei uma gigantesca nave espacial, eu só tinha ouvido rumores sobre a existência dela, alguns diziam que era apenas um projeto, mas ela estava lá, diante dos meus olhos, A ARCA, um transportador intergaláctico, com capacidade para dez mil pessoas. O que estava acontecendo afinal?

O meteoro Yarkovsky atingiu nosso planeta há cerca de trinta anos, ceifando bilhões de vidas em um piscar de olhos. O impacto levantou milhares de toneladas de rochas ao céu, que se transformaram em uma chuva de fogo, destruindo grande parte do nosso bioma. A nuvem de poeira pós impacto colocou o planeta em dez anos de escuridão. Após isso, sobraram apenas dois países estruturados para dar continuidade à nossa sociedade, por ironia universal, dois países historicamente aqui-inimigos

Eu era apenas um adolescente na época do impacto, minha família não sobreviveu, sozinho, foi fácil me alistar nas forças armadas, em dez anos de treinamento eu consegui pilotar minha primeira nave supersônica. Logo a Grande Guerra estourou, de um lado, o meu país, os Estados Democráticos Unidos, EDU, do outro, os Estados da União Humanizada, EUH, ou melhor, os diabos vermelhos.

O que ninguém esperava, era o golpe de misericórdia da natureza, os humanos tornaram-se inférteis, e nenhum desses cientistas filho da puta tinha descoberto como reproduzir a vida mecanicamente. Essa foi a origem da minha missão, subtrair do país inimigo, o único bebê recém-nascido após a onda de infertilidade. O holograma que me designou para a missão disse que a criança era a chave para descobrir como reativar o sistema biológico de reprodução novamente.

A missão de subtração foi extremamente complexa, tive que adentrar no meio do território dos diabos vermelhos. Se não fossem minhas habilidades biônicas,

principalmente do meu braço mecânico, não teríamos conseguido. Mas carrego um gosto amargo na boca desde então, não consigo esquecer os olhos da mãe, da qual eu arranquei a criança dos braços, ela tentou segurar o filho até o seu último suspiro de vida, mas o que eu ia fazer? Estávamos encurralados pelo inimigo, meu esquadrão quase todo morto, sentia o calor dos lasers derretendo minha armadura, e aquela mulher insistia em segurar a única esperança de continuidade da vida humana.

Agora, depois de tanto esforço, acreditei que apenas entregaria essa criança para alguns cientistas e depois seria aposentado por executar tamanho serviço a nação. Mas a situação só piorava, a medida que minha nave se aproximava do solo, notei que as instalações da base eram de uma empresa privada, a Intercept, e a batalha era entre robôs autônomos da empresa, contra um batalhão do exército de nosso próprio país, o governo Estados Democráticos Unidos.

Parte do exército do governo atirava contra a nave a Arca, que estava prestes a ser lançada, pois seus foguetes já estavam aquecidos. Em meio a tudo isso, eu segui para a localização indicada, uma base menor, à esquerda, ao me aproximar notei outra pequena espaçonave pronta para decolar. Pousei em segurança e fui recepcionado por vários soldados da Intercept. Estaria eu todo esse tempo trabalhando para a empresa e não para meu próprio governo? Sobre a mira dos soldados, não tive escolha, entrei na base, antes, pude ver o clarão da nave Arca decolando e tomando os céus, me questioneei qual seria o seu destino.

Joaquim Navas, trilionário do ramo de tecnologia, soltou um sorriso ao me ver, a empresa Intercept aproveitou a cortina de fumaça da guerra entre os dois países, e organizou uma emigração, iriam colonizar um novo planeta com condições perfeitas de vida, segundo ele, restavam apenas cinco anos de vida até nossa civilização entrar em colapso. Dois soldados apontaram a arma para minha cabeça, Joaquim pediu “gentilmente” que eu entregasse o bebê, partiriam em uma nave menor com trezentos humanos, eram cientistas, acadêmicos e demais homens de grande saber. Eu tinha apenas alguns segundos para digerir tudo o que estava acontecendo, o que me restava fazer?

Uma explosão atingiu a base, aproveitei a distração e botei para dormir os dois soldados, mas Joaquim acertou um tiro certo em meu braço natural, praticamente arrancando ele fora, eu perdi os sentidos por segundos devido a dor, Joaquim pegou a capsula com o bebê e entrou na nave, eu tive que pensar rápido, não deixaria ele escapar

assim fácil e dar esse golpe em nosso país, em nossa humanidade. Usei toda minha força restante e saltei para a nave antes das portas fecharem.

Eu sangrava freneticamente, Joaquim acoplou o bebê numa capsula de hibernação, quando notou minha presença, apertou os cintos e ordenou verbalmente que a espaçonave levantasse voo, com o impulso fui projetado contra a parede. Enquanto ganhávamos altura, escutava os tiros atingindo o casco da nave, pela janela, num relance, vi nosso planeta avermelhado, desprovido de fertilidade, ficando cada vez mais distante. Eu usei a força do braço mecânico para me aproximar de Joaquim, a nave balançava bastante o que fazia ele perder a precisão dos tiros a laser. Quando atingimos a atmosfera, a nave estabilizou, eu alcancei o homem o desarme, e o amarrei numa das cadeiras de comando.

Da cabine de controle eu pude ver a Arca preparando-se para acoplar em um transportador intergaláctico, perguntei para Joaquim como impedir o processo, o desgraçado apenas ria, dizia que nada poderia impedir, mas de repente, sua feição mudou, agora ele tinha horror em sua face, ele olhava compenetrado para fora, em direção a Arca, eu me virei e olhei também, e nunca vou esquecer daquele momento. Uma ogiva nuclear atingiu a Arca, que explodiu em um clarão igualável ao sol, não existe som no espaço, mas eu juro que escutei as vozes de dez mil almas perdendo a vida.

Após o momento de estupor, escutei o som da arma a laser de Joaquim, o desgraçado tinha se soltado, mas eu fui mais rápido, agarrei o seu crânio, garanto que nesse momento ele se lamentou por não ter atirado em meu braço ciborgue primeiro, pressionei até a cabeça dele esfacelar em centenas de pedaços. O alarme de emergência da nossa espaçonave tocou, também estávamos na mira de um míssil nuclear.

Eu tentei comunicação com o exército, avisar que eu era um deles, sem resultado, precisei então usar toda minha habilidade como piloto para desviar da primeira ogiva. Não tive outra opção a não ser acoplar no transportador intergaláctico, o caminho para o novo planeta já estava programado, em segundos estávamos viajando pelo espaço na velocidade da luz. Usei um kit de primeiros socorros para suturar meu ferimento, conferi se o bebê estava bem, e entrei em uma capsula de hibernação para um longo sono profundo.

Acordei com o disparar do alarme da nave, algo estava errado, corri para o painel, estávamos em uma velocidade excedente de entrada na atmosfera do novo planeta. Eu só tive tempo de dar um breve relance pela janela, vi um globo em sua maioria todo azulado, me questionei, seria apenas água? Ou teríamos alguma terra? O alarme continuou

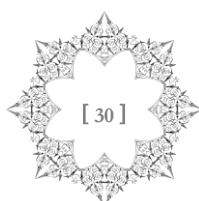
apitando, o exterior da nave estava em chamas como uma carroça de fogo cruzando os céus do planeta azulado.

Segurei o manete da espaçonave, a força da gravidade desse planeta era enorme, senti uma tontura, estava prestes a perder a consciência, diabos! Tanta luta para nada? Não, eu iria garantir que ao menos esse bebê tivesse uma vida digna, ele seria o líder desses trezentos humanos “de grande saber” que estavam na nave, e eu seria o seu cão guarda. O fogo se dissipou, eu vi o mar de água em minha frente, a nave estava se estabilizando, adaptando-se a essa nova atmosfera, agora minha preocupação era encontrar terra firme.

Os scanners mapearam o globo azul em buscas de informações básicas, tínhamos oxigênio cem por cento respirável, água doce potável em abundância, e diversas formas de vida. Após o mapeamento inicial, o computador da nave me questionou qual seria o nome de registro do novo planeta, como eu iria escolher? Precisava apenas de um lugar para pousar, Terra, esse foi o batismo, engraçado que após isso um local foi apontado como seguro para o pouso.

A nave cruzou o que a princípio parecia um deserto, algumas centenas de quilômetros depois alcançamos montanhas em meio à uma densa floresta verdejante. Pousamos em uma pequena área de terreno plano. Desativei a hibernação do bebê, os demais humanos poderiam esperar, coloquei a criança que ainda dormia dentro da capsula protetora e acoplei junto ao meu peito, o lugar mais seguro que ele podia estar, descemos a rampa da nave, pisaríamos juntos nesse novo mundo.

Havíamos pousado próximo de estruturas artificiais semelhantes à nossas unidades de convivência, algo rustico, feito de rochas, seriam casas? Ao fundo, uma montanha alta e pontuda, o lugar me lembrou um santuário. Respirei fundo aquele ar puro, caminhei alguns metros até o encontro que me deixou paralisado, diante de mim estavam cerca de dez humanoides, espantosamente semelhantes à nossa raça humana, eles me olhavam curiosos e com medo, mas logo se ajoelharam, de repente, eu era um deus. A capsula do bebê apitou, ele havia despertado, sobre o olhar dos humanoides terráqueos, eu peguei a criança no colo e ergui ela no ar para que também respirasse o frescor do seu novo lar, era só o começo de uma nova jornada nesse planeta Terra!





APRESENTAMOS O CONTO

○ CAMINHONEIRO

Por Gabriel Machado Saccilotto Freitas

Sobre o autor: Gabriel Machado Saccilotto Freitas nasceu em 17 de novembro de 1998 no Rio Grande do Sul. É historiador, estudante de direito, fascinado desde pequeno pelos clássicos da literatura mundial, o menino cresceu instruído por sua mãe na leitura, sendo autor de um site, é fascinado pelos gêneros: terror, ficção científica e realismo. Semanalmente traz um novo texto em seu blog. <https://toconvontadededescrever.blogspot.com>

Pisei fundo no pedal do acelerador, aquele caminho era complicado, até apertei o botão par a aumentar os cintos que me seguravam no banco, no mesmo momento, observei no painel um sinal laranja de alerta, era o aviso do tempo real, informando estar em contato com fragmentos oriundos do espaço, até senti uma vibração maior no peito, o sangue serviria para esquentar o café que carregava comigo, na cafeteira embutida no painel.

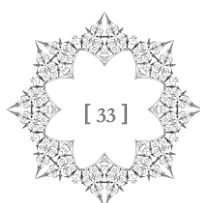
Apertei um botão retangular na porta, acionei os óculos vermelhos, dessa forma seria mais nítido minha visão em um ambiente em total penumbra, pois como o caminho fora inaugurado recentemente, não tinha nenhum satélite natural, segurei com todas as forças no volante, senti uma forte turbulência, graças a Deus, o traje que vesti reduzia ao máximo essa sensação, no fundo, o enjoo após esse período era horrível, apenas passava ingerindo comprimidos.

Eu não era jovem, como é o que espera de um motorista desse transporte específico, tenho 50 anos, branco, barba e cabelos grisalhos, a verruga em meu rosto é uma evidência forte do Sol, apresento uma voz aguda e rouca por conta do cigarro, muitos anos nesse ofício, deveria empregar em algum vício, não acha? Melhor do que investir em prostitutas, sempre fui fiel quando tinha uma esposa, ainda persisto, ela me deixou, pois, alegou passar mais tempo na boleia do que ao seu lado, no final ela realmente estava certa, eu acho.

Conheci planetas das raças mais diversas que uma criança poderia confeccionar após ter contato com o filme Sinais, era tudo lindo, seres que apresentavam mutações naturais por conta da miscigenação, humanos com ventosas perceptíveis no rosto, crianças com uma agilidade incrível, seres que odeiam qualquer sinal luminoso (esse é o que menos gosto), pois imagina estacionar no centro da cidade sem possibilidade de usar uma mera luz alta, uma grande merda.

Ah? Quase me esqueci, o planeta Holder, apresentava uma versão da Terra com uma visão ambientalista, como se Greta, tivesse se tornado chefe da presente Nação, muito rico, um povo bastante educado, gentil, único fator ruim que apresentava uma leve xenofobia contra pessoas denominadas “normais”, especialmente com pessoas do olho puxado e seres que ingerem a carne vermelha, me sentia em um Japão recheado do ideal budista da Índia.

Enquanto dirigia em uma noite que caía uma chuva leve, uma criatura verde mandou eu parar, estacionei como me informou, apresentei minha identidade, durante essa rápida análise de dados, seus olhos eram muitograndes, um fato que me estranhou foi que um olho lia os dados presentes no documento que entreguei, enquanto o outro, me fitava de baixo até cima, tentando procurar algo, respirei fundo, com um pedaço de pano, limpei o suor que se formava na minha testa, outra razão para odiar essa categoria de caminhão. Para minha surpresa, me informou para descer do veículo, pois estaria sendo preso, pelos simples fatos de utilizar substâncias alucinógenas, fui preso em flagrante, apenas informou que deveria entregar no planeta Limbo, o agente da PRF, ressaltou estar fora de mim, verificando no meu caminhão, encontrou no tapete, abaixo do banco do passageiro, um livro, guerra dos mundos versão ilustrada, naquele momento na cabeça do policial, o quebra-cabeça estava sendo finalmente concluído, por essa razão, como foi tão irônicoessa prisão, optou por relatar na “internet”.





APRESENTAMOS O CONTO

PLANETA TEMPO

Por Gabriel Machado Saccilotto Freitas

Sobre o autor: Gabriel Machado Saccilotto Freitas nasceu em 17 de novembro de 1998 no Rio Grande do Sul. É historiador, estudante de direito, fascinado desde pequeno pelos clássicos da literatura mundial, o menino cresceu instruído por sua mãe na leitura, sendo autor de um site, é fascinado pelos gêneros: terror, ficção científica e realismo. Semanalmente traz um novo texto em seu blog. <https://tocomvontadedescrever.blogspot.com>

Respirando com dificuldade naquele planeta amarelo, como era sua primeira vez ali, ainda não tinha se acostumado com o aparelho para fornecer oxigênio, considerando que essa tecnologia deixava levemente seu lábio úmido após sua utilização, todavia, era a única da maneira que evitava falecer, notou que isso aumentou levemente seus batimentos cardíacos e intensificou sua respiração.

Há pouco tempo, foi destinado para cumprir uma missão em outro universo que almejava por isso longos anos enquanto ainda era apenas uma criança, detinha um porte bom porte físico para as atribuições que seriam necessárias, isso ficava evidente quando estava apenas de bermuda, pois devido ao treinamento quase semanal para se tornar agente espacial, adquiriu pernas e braços torneados, inclusive menos dificuldade para correr longas distâncias quando era crucial em sua rotina.

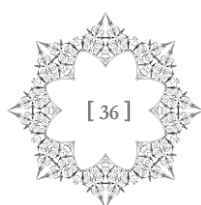
Raramente quando pegava no sonho, aparecia a musa morena, que carregava consigo em seu pescoço, para ser mais preciso, no colar que ostentava a foto ao lado de uma linda mulher, noite escura, exibia um lindo sorriso conjunto do azul da blusa daquela pessoa que fazia seu coração bater mais forte, nesse dia que registrou tal foto, foi quando descobriu que realmente, ela é dona de um grande coração.

O planeta que fui designado era bastante exótico, durante grande parte da manhã e tarde revelava um intenso calor, se não fosse pelo meu traje espacial que protegia tanto do frio quanto calor, possivelmente iria me tornar quando você esquece o sorvete na Terra. O tempo aqui é o inverso do Interestelar, ou seja, poderia assistir à trilogia Senhor dos Anéis em fração de minutos, pois nesse universo quase oriundo de um mundo paralelo que a arma de portais de Rick consegue acessar, possui uma determinada rotação que faz com que os dias durem apenas 8 horas.

Quando o personagem dormia, em seus sonhos era exibido dentro de um veículo fechado que o protegia da chuva de asteroides e outros gases nocivos que poderiam causar grandes sequelas em sua saúde, mesmo durante aquela pandemia que iniciou na Nação da bandeira vermelha com amarelo, ainda se sentia seguro, ainda mais estando próximo daquela adorável mulher que registrou a foto deles, na igreja local, de mãos dadas. Para a autora dessa fotografia, no fundo, era bastante “coisa de casal”, até parecia um livro do autor John Green, não admitia, mas sua mente apenas pensava nesse novo ciclo que iniciaram recentemente, pensava durante a tempestade.

O grande desejo dele não era riqueza e aventuras que poderia conquistar, caso siga o exemplo, da obra célebre do autor Douglas Adams. Pois, no fundo, o pirata (nesse

momento recordou do cachorro da sua amada) almejava por tesouros que poderiam trazer plenitude financeira, todavia, a única coisa que trazia paz era o aconchego que encontrava nos braços, enquanto era dominado por mãos que faziam sentir melhor as costas após longas horas com a armadura, e principalmente quando compartilhavam ar um com o outro, enfim, sentia uma apertar no coração todas às vezes que a encontrava!





APRESENTAMOS O CONTO
RESGATE EM AKALANTOS

Por Gilson Salomão Pessôa

Sobre o autor: Gilson Salomão Pessôa é formado em Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Colunista na área de Cultura Pop em sites como o site da Editora Panóplia (<https://www.editorapanoplia.com.br>) e Revista K7 (www.revistak7.com.br), já publicou dois livros, um de prosa e um de poesia. Atualmente trabalha como funcionário público na Secretaria de Cultura de Matias Barbosa, Minas Gerais.

1920. Cientistas do mundo inteiro, cansados de ver os seus inventos e pesquisas sendo utilizados para genocídios, ditaduras e guerras, decidem se reunir em segredo e criar uma cidade aérea, onde se refugiarão da humanidade para trabalhar em paz. O dinheiro para a construção veio com a venda de algumas patentes de inventos menores e inofensivos, mas que seriam amplamente utilizados pela humanidade. Através de contatos sigilosos com representantes nos continentes, eles seguiriam com esse comércio para assim poder comprar suprimentos, bem como novas peças e equipamentos, caso precisassem. Assim surgiu Akalantos, o refúgio de todas as mentes independentes e criativas do mundo. Sua localização nunca foi revelada, bem como a sua existência. Mesmo que isso acontecesse, eles estavam sempre se deslocando, o que minimizava qualquer tentativa de abordagem na mesma. Estavam tão seguros de sua furtividade que perceberam com surpresa e medo um enorme zepellin se aproximando. Não tinha brasões nem insígnias. Ficaram emparelhados por um tempo em silêncio. Cordas com ganchos foram lançadas nas bordas para facilitar a abordagem de um grupo de homens armados, que facilmente fez a cidade de refém. Os pensadores não conseguiam entender como tinham sido localizados, mas então se lembraram de Valentim Lohan, um cientista francês renegado que não queria abrir mão de seus lucros por uma causa nobre. Sua sede por fama e dinheiro a qualquer custo fez com que ele procurasse o notório mafioso russo Don Casimir, que tinha um plano bem nefasto e lucrativo em mente: criar um exército de autômatos armados e vender os mesmos num leilão internacional.

Mas nem tudo estava perdido. Antes de ir para o seu cárcere, o Professor Chermont acionou discretamente a sua pulseira, enviando um sinal de alerta para a sua irmã Nicole no continente. Era um plano de contingência que ambos haviam criado, caso acontecesse alguma coisa com algum deles. Bastava um leve toque que acionaria um localizador. Isso já mandaria a mensagem implícita: “Estou em perigo e precisando de ajuda”. Era madrugada quando o bracelete da moça começou a emitir uma luz forte e desferir uma leve descarga de choque em seu braço. Acordou assustada e levou um tempo para se dar conta do que tinha acontecido, pois estava com aquele adereço desativado há tanto tempo que tinha se esquecido da sua verdadeira utilidade. Levantou-se rapidamente e fez um café enquanto pensava nas providências que teria que tomar, pois o acordo foi criado em função da vulnerabilidade dela e não dele. Não poderia pedir ajuda nem à polícia nem ao exército, pois isso quebraria o acordo de sigilo assinado pelo cientista e teria sérias repercussões para o mesmo, incluindo a expulsão de Akalantos. Precisava de um

mercenário ou um detetive particular. Acabou encontrando o segundo com mais facilidade. Nicole bateu na porta do Inspetor Enzo logo cedo pela manhã, enquanto ele tomava o seu ritualístico capuccino que lhe dava ânimo para enfrentar o dia, especialmente no inverno quando a articulação do seu joelho doía mais, com um estilhaço de bala alojado que fez com que ele se aposentasse da polícia mais cedo. Seu raciocínio ágil compensava a sua depauperada mobilidade. Era intimista, gostava de silêncio e tinha ojeriza a aglomerações de pessoas. Não era rabugento nem mal educado, embora fosse visto muitas vezes assim. Estava prestes a levar a caneca à boca quando foi subitamente interrompido com aquela entrada de supetão da garota, quase derrubando o precioso líquido marrom em sua calça. Nicole era intempestiva e falava com pressa, ocasionalmente se distraíndo pelos itens do escritório em função de um leve déficit de atenção que era a sua marca registrada.

Depois de ouvir toda a história da moça enquanto tomava o capuccino, ele respirou pausadamente e disse:

— Mesmo que tudo o que você for verdade, pois parece ser bastante fantasioso...

— É verdade.

— Ok. No que eu posso te ajudar? Você nem sabe em que tipo de perigo ele está envolvido. Tudo o que você tem é uma pulseira brilhando.

— Meu irmão mais velho é excepcional e nunca pede ajuda. Com certeza é alguma coisa grave.

— Eu me locomovo muito devagar, porque tomei um tiro no joelho e você quer ir atrás do seu irmão que está em algum lugar do céu. É bizarro, surreal, improvável.

Nicole percebeu a dimensão do que estava pedindo e sentou-se por um momento para ponderar. Sentiu-se impotente e começou a chorar em silêncio.

— Eu não tenho mais a quem recorrer — ela disse — não posso pedir ajuda à polícia ou exército porque é um acordo secreto e ele pode ser expulso da cidade se eu fizer isso.

Enzo estendeu um lenço para ela e disse:

— Vamos ver o que podemos fazer na medida do possível.

Ela abriu um sorriso e disse:

— Vamos na casa do meu irmão. Deve haver alguma coisa que a gente pode usar.

— Mas ele não está na tal cidade?

— Sim, mas ele tem um sítio aqui nos arredores, onde ele guarda os seus inventos. É tipo um depósito para as coisas dele. Prefere guardar aqui pois não confia completamente nos seus colegas de trabalho. Ele sempre se preservando. É muito desconfiado. Acho que vocês iriam se dar bem.

— Por quê?

— Ele é caladão, reservado, igual você.

Foram de carro até a localidade, que parecia não ser visitada há muito tempo. Os sinais óbvios eram a imensa quantidade de poeira e teias de aranha que estavam por todo lugar.

— Será que aqui tem algum balão ou aeroplano? — perguntou Enzo com um certo tom de ironia — porque senão vai ser difícil alcançar o seu irmão cientista no céu.

— Vamos manter a fé e procurar. Na pior das hipóteses vou ter que confiar em um avião mesmo.

— Por que vc não foi direto em um deles?

— Porque o avião pode contar para os colegas e aí o segredo já era. Eu estou procurando ser a mais discreta possível para ajudar sem causar mais problemas.

Olharam pela casa e não acharam nada. O inspetor não estava surpreso. Estava achando tudo aquilo uma maluquice sem fim, mas estava comovido pelos esforços e o entusiasmo da garota. Estava pronto para ir embora quando ouviu ela gritar:

— O porão! É óbvio! — disse dando um tapa na própria testa.

Seu parceiro continuava cada vez mais confuso. Ela foi correndo e abriu um alçapão que ficava embaixo de um tapete, dando acesso a uma longa escada que levava a um aposento no subsolo. Quando lá finalmente chegaram o detetive viu aparelhos que desafiavam o seu raciocínio lógico.

— Eu estou surpreso de você confiar em mim para me mostrar essas coisas. — disse ele.

— Eu perguntei sobre você na delegacia antes de procurar. Não sou tão ingênua assim. Falaram tão bem de você que me senti segura o bastante para contar esse segredo. Acho que você vai gostar disso.

Tirou um pano que cobria um exoesqueleto para as pernas. Enzo ficou olhando boquiaberto.

— Vista. Você vai se movimentar melhor. — disse ela.

Ele vestiu meio ressabiado, mas ficou impressionado em como lhe serviu bem. Experimentou correr um pouco e ficou surpreso com os resultados. Na verdade, era só a primeira parte de um conjunto que incluía uma outra peça cobrindo o tronco e os braços.

— Isso é muito legal, mas como vamos chegar ao céu com isso?

— Esse protótipo de exoesqueleto tem propulsores nos pés e nas mãos, que estão ligados a um motor que vai ficar nas suas costas, que por sua vez funciona a base de energia solar fotovoltaica.

— Entendi foi nada.

— A energia solar fotovoltaica é a energia elétrica produzida a partir do calor e da luz solar. Quanto maior a radiação solar nas placas solares, maior será a quantidade de energia elétrica produzida.

— Você sabe mais do que aparenta.

— Meu irmão me ensinou algumas coisas antes de ir embora. Eu ficava horas sentada no laboratório dele, tentando entender como aquelas geringonças funcionavam. Era a única forma de me relacionar com ele.

— Entendo.

Enzo sentiu vontade de abraçar Nicole, percebendo a tristeza da moça ao pensar no iminente perigo em que seu irmão estava.

— Eu preciso treinar voo nessa coisa. — disse ele tentando quebrar o desconforto do momento. — E você vai como?

— Eu vou abraçada em você, ué. Eu preciso carregar a mochila com as armas que talvez a gente possa precisar. Não se preocupe, o exoesqueleto aguenta levar nós dois. Você não vai precisar fazer força.

— Ok. — respondeu o investigador que ficou a princípio embaraçado com aquela situação, mas depois foi se acostumando com a ideia.

— Ele não fez esse exoesqueleto para mim, que sou baixinha. Eu iria ficar sacolejando aí dentro. — disse ela brincando.

Enquanto ele praticava voos em seu novo “traje”, utilizando um capacete da Primeira Guerra que achou no sítio do Professor Chermont, sua companheira de resgate investigava o que podia levar para usar contra uma possível ameaça. Achou uma pistola que disparava bolsas contendo um estranho gel corrosivo e uma estranha rede com fincos retráteis que eram acionados em contato com a pele. Ela ficou assustada ao conhecer esse outro lado de seu irmão, que conseguia pensar em tantas coisas interessantes e ao

mesmo tempo nocivas, tridimensionais, curiosas e imprevisíveis como a própria natureza humana. Depois de alguns dias de treino, que obviamente incluiu algumas quedas, ele se sentiu seguro o bastante para partir com ela em busca do cientista em perigo. Eles usaram a pulseira de Nicole para chegar até Akalantos, porque o pulso de luz ficava mais intenso à medida em que se aproximavam. Enzo ainda estava processando toda aquela loucura em que havia se metido quando avistou a cidade aérea pela primeira vez e teve dificuldade para acreditar em seus próprios olhos. Estava maravilhado. Estavam voando há tanto tempo que a bateria começou a falhar e eles começaram a perder altitude. Nicole apertou um dispositivo no traje que liberou uma corda com um gancho, que por sua vez se prendeu em uma das beiradas da cidadela e salvou a dupla de uma queda bem feia. A moça escalou correndo na corda enquanto o detetive ficou ainda um tempo suspenso no ar, esperando seus batimentos cardíacos desacelerarem. Apertou o mesmo botão para recolher a corda e subiu sem esforço. Ficaram impressionados com a beleza do lugar, mas isso não durou muito tempo pois logo avistaram os homens armados. Nicole ficou com o revólver e deu a rede para Enzo, já que o mesmo ainda tinha o exoesqueleto para se defender e bater nos agressores. Tentaram manter silêncio, mas a armadura de metal chamava muito a atenção e eles não demoraram a ser percebidos. Os mafiosos atiraram, mas ele continuou avançando pois praticamente todas as balas ricocheteavam no metal. Tomou alguns tiros na perna, mas continuou em pé por causa da armação de metal. Os bandidos ficaram assustados e tentavam correr, mas tomavam tabefes metálicos, sendo arremessados para longe. A moça resolveu seguir o bracelete para encontrar os cientistas. Estavam sendo protegidos por um capanga que teve a sua arma derretida pela geleia ácida. O mafioso ficou assustado ao ver aquilo e saiu correndo. Ela usou mais uma vez sua pistola e derreteu a fechadura da sala onde os cientistas estavam trancados. Estava abraçando finalmente seu irmão quando ouviu Enzo gritando e pedindo ajuda. Don Casimir tinha pescado o investigador usando um guindaste de imã enquanto Valentim Lohan usava uma metralhadora para impedir que eles se aproximassem. Nicole botou a arma no chão e disse:

— É assim que você pesca? Eu prefiro usar uma rede. É muito mais eficiente!

Todos ficaram confusos, com exceção de Enzo, que se lembrou do dispositivo que estava carregando. Abriu a mochila e jogou a mesma no cientista francês. As pequeninas garras se grudaram na sua cabeça e ele largou a metralhadora, urrando de dor. Um dos cientistas pegou a arma de fogo e Nicole pegou de volta a sua arma de gel. Juntos, foram

todos marchando até o mafioso russo que saltou do guindaste e começou a correr até o dirigível. Estava perdido, seus soldados foram derrubados pelos braços metálicos de Enzo e tiveram as suas armas derretidas por aquela geleca estranha. Estava prestes a fugir quando a moça teve a ideia de subir na máquina e usar a mesma para arremessar o seu amigo em cima do fugitivo, que acabou morrendo em decorrência desse evento. Ela foi correndo sorridente em direção a ele, que estava ensopado de sangue e nem um pouco feliz:

— Nunca mais faça isso de novo, sua doida!

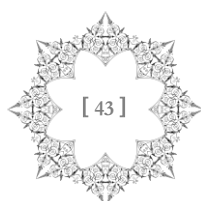
— Nós fazemos uma boa dupla, pode admitir!

— Só quando você não está colocando a minha vida em risco, o que é quase sempre!

— Ah! Você sabe que é tudo calculado por mim!

— Isso é o que me dá mais medo!

Por fim os dois sorriram sabendo que aquela loucura tinha chegado ao final. Por enquanto. Valentim foi encarcerado na cidade enquanto a dupla foi convidada a ficar na cidade, trabalhando como força tarefa de segurança. Enzo ficou ainda um tempo olhando o infinito e pensando em como aquela bagunça toda terminou transformando a sua vida de uma maneira que ele nunca poderia imaginar.





APRESENTAMOS O CONTO

EVANDINE

Por Sir_lemonpie

Sobre o autor: Formado em história na USP, Sir_lemonpie é uma aspirante a escritor que busca afiar suas habilidades escrevendo contos para antologias variadas, com o sonho de um dia publicar seus próprios romances, além de escrever gosta também de artes marciais, de desenhar, de ler obras de história e romances (principalmente de ficção fantástica e científica) e de séries. sofrendo constantemente com o desafio de equilibrar todas essas coisas com a vida diária.

Poucos lugares eram tão perigosos quanto a fronteira espacial. Sistemas inteiros onde apenas umas poucas colônias davam os primeiros passos para a civilização humana e as distancias entre elas demandavam dias de viagem sem acesso a nenhum posto, estação ou assentamento.

Um mundo de oportunidades para comerciantes espaciais e transportadores de carga independentes. E um mundo de oportunidades igualmente grande para piratas. Como aquele que mantinha o revolver de plasma colado contra a testa de Nylek na sala comum do cargueiro espacial independente Evandine.

— É melhor nem tentar nada, espertinho. Grunhiu o fora da lei, preparado para puxar o gatilho diante de qualquer movimento.

— Nem passou pela minha cabeça, senhor. Respondeu Nylek, mantendo seu sorriso jovial, apesar da situação. — Podem pegar o que quiserem, trago apenas rações, material para terraformação, sementes, algumas caixas de cerveja sintética, coisas que colonos precisariam cavalheiros.

— Calado!

Ele obedeceu. Não se mexendo nem quando outro fora da lei entrou no quarto dele, arremessando mudas de roupas e pertences de um lado para o outro.

— Chefe, ele diz a verdade. Gritou um dos capangas que inspecionava a área de carga. — Só ração, semente e equipamento pra colono, diabos, porque um cargueiro precisa de tantas câmeras?

— Carreguem tudo na nossa nave rapazes. Ele cortou num grunhido, então, virando-se para o mercador rendido. — É a vida camarada, a culpa é sua por não instalar defesas decentes nessa sua velharia, bom, que te sirva de lição pra próxima. O líder dos bandidos sorria, animado apesar do butim simplório. — Agora ouça bem, você não mexa um músculo enquanto vamos embora e segue teu caminho direitinho, nem pense em bancar o herói e...

— Chefe!

O pirata grunhiu, irritado pela interrupção.

— O que você quer agora seu mal...

O pirata que inspecionava o quarto do sorridente mercador voltou, numa mão carregava um eletro-rifle de guerra, no outro, um uniforme.

A raiva do líder pirata e o sorriso plácido e apaziguador do comerciante morreram juntos, lentamente o pirata virou a cabeça, encarando sua vítima com um ódio renovado.

— Ora vejam só rapazes, o mercadorzinho é um soldado Deluviano, um espião imperial fuçando tão longe de casa, o que cê quer na fronteira hein, desgraçado?

— Ex-soldado, sou apenas um mercador tentando ganhar a vida, nada mais.

O cabo do revolver se chocou contra a lateral de seu crânio.

— Quietos, rato imperial! Os olhos queimando de fúria brilharam quando uma ideia surgiu na cabeça do homem. — Eu ia te deixar ir, mas não é certo soltar um verme deluvianol para vagar livre no espaço, não. Ele riu — tenho um lugar muito melhor para lixo como você.

.....

Sozinho de dentro do pod de emergência, pouco mais que um caixão de metal e vidro na situação em que se encontrava, Nylek observou o transporte pirata se afastar, levando sua querida nave consigo. Ele suspirou e sentou contra a parede. Em seu lugar qualquer outro ser humano estaria desesperado, mas não o jovem Nylek, este se aconchegou em sua pequena prisão e, puxando o tablete que havia escondido na parte de trás da calça, abriu uma das milhares de obras clássicas que tinha contido dentro da memória do aparelho. pondo-se a ler, tranquilo pois tinha apenas que esperar.

Pois Evandine iria busca-lo.

.....

Mesmo a surpresa de estar diante de um soldado deluviano não fora suficiente para apagar a animação do saque, confortáveis de volta a sua base, uma velha estação espacial abandonada, os piratas se serviram da cerveja sintética roubada. O grupo de 6 membros dando início a celebração, determinados a festejar com álcool e rações a conquista do dia.

Um deles, bêbado que nem um gambá, teve a brilhante ideia de esvaziar a bexiga no interior da nave roubada. Encorajado pelas risadas dos companheiros ele cambaleou tropeadamente até o interior, o ombro contra uma parede para manter o equilíbrio, e buscou um bom alvo. Rindo baixinho ele se virou na direção da área de habitação, querendo encontrar uma vez mais aquele uniforme maldito.

Mas parou na metade do trajeto quando uma porta oculta se abriu. O bêbado recuou alguns passos assustados, mas então riu. Devia ter acionado algum dispositivo, dando

acesso a sala antes oculta. Curioso diante do que poderia encontrar lá ele se arrastou para dentro. Nem por um instante percebendo as câmeras que, após sua entrada, haviam todas se virando na sua direção e seguiam o seu trajeto com as lentes vendo-o penetrar no compartimento misterioso.

Dentro, a sala quadrada continha 3 contêineres eletrônicos, um contra cada uma das paredes despidas de porta. Assobiando o pirata tropicou até o mais próximo, abrindo-o com um grunhido. O sorriso ganancioso que ostentava foi substituído por confusão quando viu o que estava guardado ali e por medo quando uma mão disparou do interior, agarrou-o pelos cabelos e o puxou com violência para dentro.

O contêiner voltou a se fechar, abafando os gritos do homem e os sons de sua luta desesperada.

.....

Nenhum dos piratas notou o perigo até ser tarde demais. Dois dos 5 restantes foram atrás de seu amigo de bexiga pequena quando este não retornou. Os 3 restantes aguardaram bebendo, mas se levantaram preocupados quando longos minutos de espera foram recompensados somente com silêncio.

— Boyle? O líder do bando gritou, — Joldrin, Foilerr?

Apenas silêncio. Os piratas grunhiram e sacaram as armas. — Rapazes?

— Estão ocupados, senhor pirata. O trio arregalou os olhos diante da mulher confortavelmente sentada sobre o peito inconsciente de Joldin. Mais rápida que a reação dos 3 bêbados ela atirou uma lata de cerveja sintética cheia contra o rosto de um deles. Saltando atrás de um amontoado de caixas enquanto seu alvo tombava, inconsciente.

O líder e o capanga restantes atiraram xingamentos e projéteis na direção dela. Esvaziando seus cartuchos em instantes, somente para que ela se erguesse impune logo em seguida e atirasse uma segunda lata, com tamanha velocidade e força que esmagou o nariz do membro restante, mandando-o sem sentidos ao chão.

— Desgraçada. O chefe grunhiu, a mão tremendo enquanto ele tentava encaixar um novo cartucho em sua arma sem tirar os olhos daquela mulher. — Bem que achei estranho aquele maldito ser o único tripulante!

— Tecnicamente ele é. Seus esforços foram interrompidos quando uma mão recaiu sobre a dele, esmagando-a até que a arma caísse por entre seus dedos. O pirata virou-se

lentamente para a dona da mão. Diante de si havia outra mulher. Exatamente igual àquela que o encarava de trás do amontado de caixas.

— Que diabos... o punho da recém-chegada atropelou seu queixo, mandando a cabeça conectada a ele quicando para o lado e fazendo-o tombar. Antes de perder os sentidos a única coisa que ele conseguiu ouvir foram duas vozes exatamente iguais falando em uníssono.

— Como era mesmo? “tenho um lugar muito melhor para lixo como você’.

.....

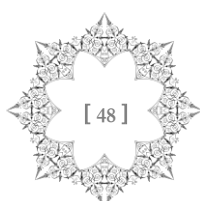
De seu lugar dentro do pod Nylek acenou sorridente quando a nave veio lhe buscar. Assobiando ele saudou a mulher apoiada contra a entrada envolvendo-a pela cintura com familiaridade e plantando um beijo em seus lábios.

— Obrigado querida, quer que eu assumo o controle?

Escolhendo responder pelo autofalante Evandine negou.

— Obrigada querido, se puder me ajude com o quarto, uma de mim não é o suficiente para consertar a bagunça que fizeram.

— É pra já meu amor!





APRESENTAMOS O CONTO

APOSENTADORIA POR VALIDADEZ

Por Lucas Brasil S.

Sobre o autor: Lucas tem 19 anos, é estudante de Letras e voraz leitor desde a infância. É apaixonado por cinema, música, HQs e toda a arte no geral. Começou a escrever aos seis anos, criando histórias em quadrinhos e, aos poucos, foi evoluindo sua escrita. Aos 16 anos teve um romance premiado no Wattpad e hoje escreve poesia no instagram e contos fantásticos para editoras.

Sentado em sua poltrona, o já velho Carlos tomava um copo de whisky enquanto assistia ao noticiário.

Já estava anoitecendo e ele estava assim desde que amanhecera. Acordou, dirigiu-se a sala, ligou o telão e, munido de bebidas, sentou-se em sua confortável poltrona para uma maratona de jornais que nunca findavam.

Agora, entre goles de whisky e vodka, Carlos assistia, com profunda angústia, a uma perseguição ao vivo. Alguns tolos tentaram roubar um banco e, por algum motivo, pensaram que seria uma boa ideia.

Porém, não demorara muito para que a polícia fosse acionada e no telão a perseguição já era transmitida para todos que, trancados em suas casas e mergulhados em tédio, assistiam ao noticiário.

O velho Carlos encheu seu copo mais uma vez, sem tirar os olhos do telão. Lembrava que há não tanto tempo, eram ele e seus companheiros ali. Não roubando um banco, é claro, mas perseguindo bandidos, fazendo prisões, parando idiotas, fazendo revistas e tantas outras coisas. Coisas que se um dia o pareciam chatas, mas que hoje morreria pela chance de fazê-las novamente.

No entanto, agora tudo isso era trabalho dos robôs.

Malditos sejam, pensou e virou o copo mais uma vez.

Fora forçado a aposentar-se havia um ano. Muitos dos seus colegas o fizeram sem reclamar, mas ele não. Achou um absurdo e brigou com seus superiores, mas nada podiam fazer. Inúmeros dos seus foram demitidos, jovens policiais tão cheios da paixão dos primeiros anos, cheios de gás e coragem.

Ele já era velho, claro, e sabia que não era o mesmo policial de décadas atrás, mas droga, ele ainda servia para o gasto. E não admitia ver aqueles jovens tendo seus sonhos interrompidos, ou seus colegas também já velhos, aceitando aquilo sem nem sequer pestanejar. Nem ao menos um pouco? Raios.

Claro que já ouviam os rumores. As máquinas evoluíam a cada dia e o mundo todo fazia suposições. Pessoas apostavam quanto tempo levaria para que os robôs substituíssem os humanos. Apostas ingênuas feitas em cima da vida de milhões de trabalhadores.

Já era algo mais ou menos esperado, mas ainda assim tudo foi muito repentino. Um dia Carlos estava lá, voltando de uma patrulha entediante, que ele agora carecia, e

deparou-se com alguns homens do governo ao entrar na delegacia. Todos seus amigos e colegas estavam deixando o local e ele não entendia. Por Deus, até seu chefe estava indo embora.

Vários distintivos repousavam nas mesas. E ele, inconscientemente botou a mão sobre o seu, sem saber que estava prestes a entregá-lo também.

Carlos seguiu em frente, procurando entender a situação.

Foi então quando viu eles.

Grandes, fortes, assustadores.

Máquinas mais inteligentes do que qualquer um deles. Plenamente capazes, construídos com todas as habilidades natas. Habilidades que os homens ou desejavam a sorte de terem naturalmente ou suavam para consegui-las.

As máquinas tomavam aos poucos os lugares que há um minuto eram de seus parceiros. Reorganizavam tudo. Tomavam seus distintivos.

Um homem aproximou-se de Carlos e informou-lhe a situação.

Governo. Robôs. Mudança. Aposentadoria. Distintivo.

Foram as palavras soltas que conseguira ouvir em meio aquele absurdo. Estava em choque e não teve tempo de dizer nada antes do homem tirar-lhe o distintivo do peito e retirar-se. Deixando Carlos ali, como se nada fosse.

E agora, ali estava ele. Patético, infeliz e gordo. Desejando estar naquele telão. Deveria ser ele. Deveria ser ele a apreender drogas de adolescentes, a parar os que corriam muito no trânsito, a atender falsos alarmes, a perseguir bandidos que roubavam bancos.

Virou o copo novamente.

Os robôs finalmente encurralaram o carro dos bandidos em um cruzamento e assim que, sem opção, desceram do carro, não tiveram nem tempo de levantar suas armas antes de serem totalmente fuzilados.

Afinal, esse era mais uma das soluções que as máquinas traziam. Elas podiam matar a sangue frio e a sociedade não julgaria. Elas não eram humanas, não tinham nenhuma bússola moral. As pessoas que deveriam pensar bem antes de cometer qualquer crime, pois não seria culpa dos robôs se elas morressem. Esse era o aviso.

Carlos tinha vontade de socar alguma coisa.

Tentou encher seu copo novamente, mas percebeu que o whisky havia acabado. Então jogou a garrafa no telão, em um ataque de ira. A garrafa atingiu a imagem do robô que aparecia. “Imagem”, pois não admitia chamar aquilo de rosto.

Apenas a garrafa quebrou, e ele estava intacto.

Bêbado demais, Carlos levantou, foi até seu quarto e puxou a maleta que guardava embaixo da cama. Abriu-a e um largo sorriso brotou em seu rosto. Pegou o rifle de seus primeiros anos na polícia e depois disso não pensou muito no que faria.

Apenas saiu de sua casa e observou a rua escura, pensativo. Todos estavam em suas casas, algumas com as luzes acesas, outras totalmente apagadas.

Carlos atravessou a rua e bateu na porta do senhor Wilson.

Passos, e então a porta abriu.

— Boa noite, Carlos, o que vo...

Tiros.

O velho caiu e alguém gritou dentro da casa.

Carlos seguiu para a próxima casa.

Bateu na porta. Uma mulher atendeu.

Tiros.

As luzes da rua acendiam uma a uma. A vizinhança toda acordava assustada querendo saber o que acontecia.

Carlos bateu em mais umas seis portas até eles chegarem.

Não foram tão rápidos, afinal de contas.

As máquinas cercaram a casa em que Carlos agora retinha um refém. Um garoto que ele vira crescer, agora adulto.

— Não se aproximem! — gritou para os rostos sem emoção que o encaravam.

Será que ele estava aparecendo no telão? Ele se perguntou.

Eles ainda não podiam atirar, mas ele sim.

Fuzilou freneticamente cada um dos robôs, enquanto ria como um louco. Mas ele não era louco.

Sua munição acabou e eles ainda estavam de pé.

Sem um arranhão.

Mas ele aparecera nos telões, ele os enfrentou e ele mostrou que também podia matar friamente.

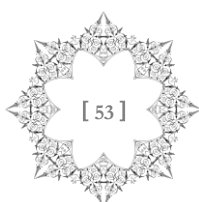
A diferença é que agora ele não poderia viver com a culpa.

Carlos quis chorar e gritar, mas não havia grito no mundo que expressasse a sua dor. Aparecera no telão, tinha certeza. Seus antigos companheiros devem tê-lo visto. Devem ter entendido o seu recado.

Mas que recado brutal, repreendeu-se.

Então, com o vislumbre de sua desumanidade, soltou o garoto e fingiu que ainda tinha munição.

Mas como os bandidos, não teve tempo de levantar a arma.





APRESENTAMOS O CONTO

HANGAR 21

Por Maria de Fátima Moreira Sampaio

Sobre a autora: Maria de Fátima é Advogada, Psicóloga, Escritora, Mestre em Educação, Mestranda em Letras, radialista, apaixonada por literatura e dramaturgia. Autora de obras jurídicas e de contos presentes em diversas antologias. Mãe de duas filhas maravilhosas. "Acredito que o amor, a fantasia e a literatura fazem da vida o melhor lugar para estar." @escritora.mariadefatima

Era uma vez um planeta que se chamava Terra. Ele era predominantemente azul. Os oceanos banhavam sua natureza que era profunda e rica em biodiversidade. Havia animais e plantas sob as águas dos oceanos. Na superfície terrestre existiam florestas, selvas, matas e bosques onde a fauna e a flora viviam em abundância proporcionando a quase todos uma vida boa.

O ar era pleno de paz e animais que voavam sobre montanhas, mar, vales e em todos os lugares apreciando a mãe Terra que parecia ser linda e generosa. Um dia alguém achou tudo isso muito bonito e rentável. Esse alguém chamou outras pessoas que chamaram países e juntos decidiram ficar muito, muito ricos e poderosos com a biodiversidade que habitava os oceanos, as florestas, os rios e outras riquezas do planeta. O fundo do mar também guardava alguns dos tesouros mais ambicionados. Entre eles um combustível fóssil feito de substâncias oleosas que todos queriam. Havia os rios e fontes muito bonitos de água doce que precisavam ser bem cuidados porque quase toda a água do planeta era salgada e estava nos oceanos. Então as pessoas precisavam economizar e guardar a água potável para não acabar logo.

Durante muito tempo muita gente brigou e fez guerras para saber quem era mais rico e poderoso. Todos queriam ser os donos do mundo, queriam dominar o planeta mesmo que não fossem heróis. Depois de muitas guerras que maltrataram a superfície terrestre e mataram muita gente, eles poluíram tanto o ar, que não puderam mais respirar. Eles também sujaram as águas, extinguiram os mamíferos, peixes, insetos, árvores, tudo, tudo. Então o tempo fechou, o alimento acabou, as fontes de água secaram, o mar virou um grande abismo e as pessoas ficaram doentes e sem trabalho. A Terra secou. O mundo quase, quase, acabou.

Ano 4.100 da Era HANGAR. Agora, 21 séculos depois da destruição que quase extinguiu totalmente a vida na Terra, muita coisa mudou. Algumas pessoas conseguiram sobreviver em bunkers debaixo da terra ou em alguns poucos abrigos à prova de armas nucleares e biológicas. A vida, quase extinta, ficou insuportável. Os conflitos bélicos que já existiam em todo o mundo perderam as armas e a razão de existir também. Não havia mais solos produtivos, exércitos para lutar, nem transportes por terra, mar ou ar para auxiliar em suas conquistas. Mesmo os que conseguiram sobreviver nos abrigos à prova de radiação e incineração, tiveram que sair porque a comida que tinham acabou.

Os fortes debaixo da terra não eram mais suficientemente propícios para viver por muito tempo, apesar de que conseguiram armazenar alimentos e remédios por muito tempo.

Os bunkers começaram a ser construídos ainda durante as primeiras guerras mundiais. Do espaço subterrâneo ao sideral tudo mudou. Quase não há vida na Terra. Exceto os escravos da sorte que não podem visitar as colônias espaciais que existem nos dias atuais. Eles vivem sob o calor inclemente e dominados pelas doenças e a fome. Com a função de procurar terrenos férteis e água potável para um possível repovoamento daquele que um dia foi um belo lugar para morar eles ainda conseguem ter forças para duas coisas: trabalhar como os escravos de milhares de anos atrás e sonhar em acordar a Terra e fazê-la viver um pouco mais.

No quase fim dos tempos sobreviveu quem tinha mais dinheiro ou poder, ou ambos, e também sobreviveram os que tiveram sorte. A sorte de estar nos lugares mais afastados dos centros de catástrofes causadas pelo ressecamento da Terra por causa do fim dos recursos naturais e da luta de bestas que o ser humano travou para ver quem tinha mais poder.

“Identifique-se em Célula íris”. Kim posicionou-se diante da tela, acionando sua senha para o compartimento de observação espaço- setorial. Uma revisão de rotina em uma das naves do sistema HANGAR 21. Esta rotina era feita uma vez por semana.

Kim é fruto da revolução biológica, que alcançou o status da mais importante área do conhecimento no ano 4.100 por desenvolver a capacidade do ser humano viver sem problemas de saúde por centenas de anos. A regeneração molecular aboliu praticamente por completo doenças dos sistemas imunológico, circulatório, muscular, respiratório, endócrino, esquelético, reprodutor, urinário e digestivo. A única exceção é o sistema nervoso por estar conectado ao sistema sensorial subjetivo ainda não controlado na Era Hangar.

A regeneração celular é uma realidade para aqueles que vivem nas colônias espaciais. Esta revolução biológica é fruto da engenharia molecular que encontrou no plasma sanguíneo a resposta e a cura para as doenças do corpo. Por ser responsável pelo transporte de substâncias pelo corpo, a ciência o converteu na mola mestre para garantir indefinidamente a produção de anticorpos que impedem doenças, além de garantir a respiração celular e a produção de todos os nutrientes necessários para uma saúde quase perfeita. Essa engenharia biológica aconteceu graças á descoberta de um anfíbio que se regenera naturalmente e que vivia em cavernas marítimas. Agora eles são reproduzidos em cativeiros aquáticos dos laboratórios de engenharia biológica muito comuns na Era Hangar. Assim, o ser humano conquistou a excelência da saúde no que concerne a sua fisiologia.

“Varredura em curso.” Kim, um jovem de 157 anos, não parece com seu antepassado Volverine. Ele é bonito, atlético e claro, absolutamente saudável.

“Colônia 17, status plataforma ok”. Uma tecla transparente reproduzindo a miniatura das pequenas vilas chamadas colônias espaciais era verificada por ele para detectar anormalidades de convivência: conflitos familiares, desvios de conduta, pequenos furtos e quebra de regras microssociais. Qualquer infração observada nessas revistas está sujeita à punições que vão desde advertência à mais grave, que é a remoção do status quo em moradia das colônias espaciais. Em último caso, o cancelamento do indivíduo quando houver insubordinação ou falta de adaptação ao controle social e laboral.

Todos trabalham desde crianças. São proibidos furtos ou roubos de qualquer natureza. O labor é essencialmente digital, elaborado e produzido em plataformas de conhecimento: Informação Conceitual, Aprumo Relacional, Eficiência Digital, Conhecimento Cibernético Profissional, Biologia Molecular, Análise Histórico-social de Antigas Civilizações, Reprodução e Controle Familiar, Monitoramento de Convivência, Análise de Projetos Arquitetônicos Siderais e Entretenimento Funcional são as disciplinas obrigatórias de um sistema intitulado Formação Complexa Estrutural Hangar 21.

Essas áreas do conhecimento são a formação agora em todas as idades, reguladas e adaptadas de acordo com os gradientes etários e funcionais previstos. Há 377 colônias no total e 25 específicas que abrigam os chamados “reprodutores”. “Reprodutores” cuja função é essa mesma: reproduzir humanos. O objetivo não é povoar a terra outra vez. Eles existem porque alguns trabalhos ainda dependem do cérebro e corpo humanos em estado primitivo. Apenas aqueles cuja inteligência e performance laboral é qualificada em gradiente de evolução excelente podem viver nas colônias. Não há distinção entre homens e mulheres. Todos têm exatamente os mesmos direitos, deveres, obrigações e benefícios. A ética é condição institucional para todos. As funções mais qualificadas e complexas ficam a cargo daqueles com maior experiência de vida e profissional nas várias funções e ambientes cibernéticos desde a infância nas colônias espaciais em Hangar 21.

Com o passar do tempo o homem finalmente associou a engenharia cibernética e biológica a uma qualidade de vida também pessoal, resguardando o direito à privacidade, ainda que mínimo. Dispositivos multifuncionais para leitura do pensamento existem para tarefas simples do cotidiano como trabalhar com sistemas de informações preliminares, substituindo o antigo notebook. Sem complicações ou insatisfação, chips digitais são colocados sob a pele e no cérebro para leitura constante dos hormônios catalizadores das emoções como medo, alegria, tristeza, terror, prazer e das necessidades básicas como fome, sede, sono e sexual. A cibernética aliada à estrutura fisiológica humana foi capaz de desenvolver sistemas de informação nas relações pessoais e interpessoais que possibilitaram ganhar mais tempo para viver e ter uma vida mais criativa e produtiva para a sociedade em HANGAR 21.

O dinheiro em cédulas e moedas foi abolido depois de ser reconhecido como forma de transmissão de doenças em pandemias e epidemias. Os supermercados desapareceram e todos tem seu próprio sistema de mantimentos em suas colônias. São devidamente monitorados e com limite máximo de consumo por pessoa. A privacidade desapareceu quase por completo. Não há crimes, atos falhos ou desejos que não sejam ouvidos e julgados. Devido à fome que dizimou bilhões de pessoas no planeta e pelo enorme contingente de mazelas causadas pelo excesso populacional, a reprodução só acontece quando necessária para suprir carências eventuais previstas com pelo menos duas décadas de antecedência em determinados setores de Hangar 21.

Depois de vinte bilhões de pessoas na terra, a população foi reduzida para um milhão no globo. Todas acompanhadas em todos os setores da vida. A produção de alimentos é realizada em hortas criadas a partir de sementes sintéticas devidamente armazenadas com capacidade de suprir uma falta eventual por até 100 anos. A computação e enaflop substituíram gerações tecnológicas limitadas ao comando manual. Os aparelhos agora são sensíveis ao comando sensorial cognitivo e estão em quase todos os eletrodomésticos. A Lei de Moore virou chacota há muitos séculos e é sinônimo de ignorância.

Mas o ser humano continua com memória. E quando ele quer acessá-la, no reduto de sua mínima privacidade no que alguns ousadamente chamam agora de “minha casa”, utiliza seus processadores individuais onde está registrado o seu passado e de algumas de

suas gerações como retroalimentação do desejo de continuar a viver, quando dessas lembranças restou algum vínculo afetivo.

Ah, a tecnologia não reinventou o coração dos humanos. Mas ele está em um refratário à prova de emoções que possam prejudicar o desempenho em Hangar 21. A máxima “tudo tem um preço” é a única que sobreviveu ao impacto da extinção humana que quase aconteceu por completo. A computação quântica resolveu os problemas de implantes e amputações reproduzindo órgãos e membros humanos, mas o seu limite é fisiológico. Kim possui o terceiro coração transplantado e seu corpo funciona perfeitamente. Não há mais frio ou calor que mate. Os sensores nas colônias espaciais detectam alterações de temperaturas, resquícios ainda de ondas climáticas que existem em alguns materiais de origem animal ou vegetal. O problema é sanado automaticamente. A temperatura do corpo também é autorregulável não permitindo qualquer alteração no metabolismo

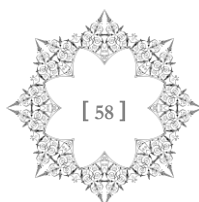
Entretanto, a sensibilidade e a subjetividade não foram totalmente abolidas. Em razão disso os períodos de lembranças pessoais só podem acontecer quando autorizados para evitar danificar as relações dentro do sistema Hangar 21. Hangar 21 não é apenas uma nave espacial. Não é a única colônia nascida da destruição. Ela é uma entre várias. Não é um modelo perfeito, mas sua complexidade garante a vida e a continuidade no universo até então conhecido. Foram necessários vários séculos e inteligência extraordinária para que engenheiros espaciais conseguissem criar arranjos solares para impedir que o mundo ficasse sem luz. Tudo tem preço e benefício e sempre será assim.

As águias desapareceram, os leões, os elefantes, os pássaros e as garças. A Terra arqueja tanto quanto aqueles que agora são escravos do quase fim e tentam desesperadamente encontrar um pedaço de terra fértil ou um poço de água que remonta ao século 21, quando existiam fontes de águas naturais. A Terra continua na escuridão que ainda exala o odor acre da destruição. Kim não está sozinho nem triste. Ele existe em sua ilusão e nas suas realizações também. Depois de mais um dia de trabalho, Kim chega em “casa”. Após o banho, uma roupa suave para acariciar seu corpo. Ele abre um vinho e coloca em duas taças. Confere o aroma das taças e sorri. Começa a tocar Air on G String de Johann Sebastian Bach.

A campainha toca e vê Celeste na tela da porta.

“Boa noite, meu amor!”

O mundo ainda não acabou.





APRESENTAMOS O CONTO

FLOR DE MAIO

Por Ney Alencar

Sobre o autor: Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Graduiu-se em direito pela Univali em 1992, Advogado, Professor, Pintor e Psicopedagogo. Tem contos publicados em 06 e-books (Histórias para Ler e Morrer de Medo I, II, IV e V, O Livro dos Mortos e Van Helsing Caçadores de Monstros) e participou de 11 antologias de contos (Portais, Excalibur, Phantastikós, Terra do Nunca, Smash, Horror Além da Compreensão, Bestiário, Malditos Lobisomens, Era uma Vez, Cartas ao Mar e Bloody Mary).

O Espaço é vazio, dentro deste vazio sinais correm à velocidade da luz, ondas de rádio de uma transmissão contínua, um padrão repetitivo vasculhando as vastidões de anos-luz, procurando ouvidos para suas palavras!

Registro nº 4598752. Data: 12 de fevereiro de 2120. Período: Sétimo. Aqui é o Capitão Jon Starley, único sobrevivente da Nave Exploratória Flor de Maio, em missão de Reconhecimento e Exploração do planeta Gliese 581-c, na Constelação de Libra. Não desçam no planeta! Gliese 581-c está de quarentena por risco biológico classe cinco! Este é um registro da missão para aqueles que vierem depois. Acordamos do hipersono em órbita. Sua silhueta pairava na tela principal, uma faixa verde e parda em seu centro. Oceanos espalhados e massas de terra esparsas, atmosfera de oxigênio abundante, superfície meio azulada, meio acinzentada. Não possuía rotação, um dos lados sempre na escuridão, o fenômeno da faixa verde demonstrava existência de vida vegetal no equador, luxuriante! A existência da atmosfera provava que existira um movimento de rotação ali. Éramos seis! Viemos estudar a viabilidade de uma colônia terrestre! Eraldo Rodriguez, primeiro oficial, me acompanhara em uma dezena de viagens aos planetas da Orla Exterior! Marla Sanchez, exobióloga e médica, seus conhecimentos tornavam nossas viagens mais lucrativas para a Companhia de Exploração Odisseus. Chun Yen Tao, engenheiro mecânico, responsável pela manutenção da nave e processos mecânicos! Ormond Tzilowski, planetólogo e geólogo. Chamado “O Homem da Terra”, literalmente tinha terra debaixo das unhas. Asano M'Benga, chefe de segurança, descendia dos antigos samurais por parte da mãe e dos guerreiros zulu por parte do pai, mistura explosiva e orgulhosa em quase dois metros de músculos decorados com tatuagens tribais. Por último eu, o capitão! Acordei primeiro, verifiquei órbita e condições para aterrissagem. Desceríamos no cinturão verde do equador. Antes dos outros acordarem ouvi a nave! O ronronar dos motores, os sons constantes dos mecanismos que nos mantinham vivos. Um grande gato, ronronando de satisfação. Passei a mão no painel de metal frio. Uma nave fiel, após uma década de viagens nos planetas da Orla Exterior. Fomos para a ponte. A silhueta de Gliese 581-c crescia na tela. Chun alinhou a nave com o equador, Asano monitorou a descida. A passagem pela atmosfera foi turbulenta. Chun pousou devagar. Ligamos as câmeras externas, uma surpresa desconcertante. Esperávamos um mar de líquens e fungos, nos deparamos com vegetação extremamente desenvolvida, briófitas, cicadáceas, angiospermas. Não eram iguais às da Terra, nem sei

se essas classificações eram corretas. Plantas como fungos gigantes, não possuíam troncos, eram fibras unidas em longas hastes. Todos queriam descer, fui firme, só três de cada vez, havia regulamentos à serem seguidos, medidas de segurança. Fui com Marla e Asano. Ormond discordou, era minha palavra final! Poderia ir depois que confirmássemos se o ambiente não oferecia perigo imediato! O impacto foi assustador! A clareira era um tapete de líquens com aparência e consistência de grama. Nas bordas uma parede de fungos gigantes com aspecto de árvores. Troncos coloridos como arco-íris, em cores exóticas, não faziam parte do espectro terrestre. Os sons eram o mais estranho! Não víamos nada, ouvíamos uma miríade de sons, trinados baixos, cacarejos, pios em tons altos. Um panorama alienígena! Não havia registro de vida animal, nenhuma das sondas detectara nada que emitisse calor! Os medidores térmicos manuais não captaram nada próximo, se alguma coisa indicava forma de vida animal, não sabíamos de que tipo era.

Coletamos amostras do solo e plantas próximas e retornamos à nave. A análise atmosférica, cem metros acima do nível dos oceanos, indicou taxa de oxigênio de cento e sessenta e três por cento se comparada com a terrestre, três vezes o existente na atmosfera da Terra. A análise do solo e vegetação não indicou metais pesados nem componentes tóxicos ou venenosos. Liberei a saída. Marla e Ormond foram para a floresta! Desapareceram por um dia, descansei quando voltaram. Carregavam dezenas de frascos e sacos de espécimes. Gravaram sons diferentes, oriundos das regiões próximas das copas das árvores fungóides, não houve avistamento. Em trinta dias retornaríamos à Terra, não fosse um incidente no fim do segundo dia. Chun deu início à nossa tragédia! Era um entusiasta por flores, saíra para coletar espécimes, como demorasse e não respondesse enviei Asano para procurá-lo. Asano berrou pelo comunicador minutos depois, estava nervoso. Chamei Marla e fomos até ele. Uma clareira depois da faixa da floresta. Um lugar deserto, líquens mirrados e secos pelo chão, terra rochosa, colônias de mórbidas flores fungiformes esbranquiçadas. Nada crescia ali. A atmosfera desolada dava uma coloração amarelenta nas plantas da beirada da clareira. Asano estava parado ao lado do corpo de Chun, deitado em um tapete dessas flores execráveis. Seu capacete estava com microfraturas, esporos da planta haviam se infiltrado e caído sobre sua pele. Marla o examinou, estava vivo, em coma. A razão parecia ser os fungos brancos. Ao redor havia pedúnculos suspensos em hastes finas, próximo ao rosto de Chun uma dessas hastes, sem o pedúnculo. Imaginei a planta como um saco de sementes que havia explodido e espalhado seus esporos pelo capacete de Chun. Não imaginava como tinham

entrado lá, a fibra do capacete era capaz de resistir ao vácuo do espaço, logo descobri! Asano estava próximo deles, o pedúnculo voltou-se com um movimento trêmulo e insistente, oscilando, inchou e explodiu com um som surdo liberando uma nuvem de esporos brancos. Pousaram sobre o traje, corroeram as fibras, penetraram pelos buracos, como flocos de matéria ácida. Asano tomou um susto, desequilibrou-se e caiu, outros dois pedúnculos explodiram próximos à sua cabeça. Vi os esporos mórbidos atravessando a superfície plástica em segundos com uma corrosão molecular agressiva. Caiu inconsciente quando atingiram sua pele.

Nos afastamos até que as nuvens brancas e horríveis decantassem, retiramos Chun e Asano do tapete de fungos e levamo-los para a nave. Ficaram em coma vinte e quatro horas, seus sistemas estavam funcionando, respiravam, mas não acordavam. Estavam em coma induzido pelos esporos enquanto cresciam dentro dos corpos. Marla retirou as partes móveis dos capacetes, um odor mefítico e nauseabundo empestou o ar! Tentou limpar a contaminação, nada fez efeito. Os esporos que caíram em seus rostos, foram absorvidos pela pele. Marla descobriu que estavam se reproduzindo à velocidade espantosa, se fixando no sistema nervoso que não sabia combatê-los. Não os tratou como infecção ou doença, deixou-os ficar!

Acordaram! Conversaram e comeram! Algo não estava normal, os exames e o escaneamento indicaram que os esporos estavam criando uma rede neural paralela, à taxa de crescimento alarmante. Não sentiam dor, aquilo liberava alta taxa de endorfinas, sedando o organismo, podiam sentir aquilo crescendo dentro deles. Nas palavras de Asano: “Uma coceira que não conseguiam coçar!” Era o mais afetado, ficou descontrolado várias vezes, exibia comportamento agressivo e psicótico, tivemos que sedá-lo até que recuperasse o controle. Não era dor, era a falta de controle sobre seu corpo que o atormentava! Deixamos os dois em observação, monitorados, retomamos a rotina de exploração evitando os tapetes de fungos. Chun estava calado e abstraído, passava muito tempo na engenharia, esquecia coisas básicas. Não era depressão, a taxa de endorfina liberada pelo fungo estimulava seu bem estar e bom humor. Estava sempre olhando o céu, uma vez o peguei se balançando de forma estranha ao lado do motor da nave! Tive certeza que havia outra coisa no controle de seus corpos.

Asano escapou da contenção, subiu no casco superior da nave e ficou ereto. Eu e Marla prestamos atenção nele por horas, permaneceu naquela posição até que desistimos. Quando o procuramos, ao anoitecer, algo corroera seu corpo, uma longa haste de fibras

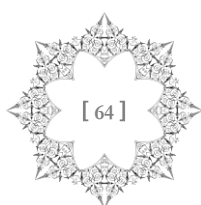
fungosas e esbranquiçadas saía de sua testa formando um pedúnculo semelhante àqueles das flores. Deixamos ele onde estava. Ao amanhecer com horror descobrimos que o pedúnculo explodira, espalhara esporos esbranquiçados ao redor da nave. O corpo uma casca vazia, os órgãos e fluidos direcionados para alimentar os esporos. Enterramos o que restou.

Mantivemos Chun sob observação. Iríamos embora na manhã seguinte, por um milagre não o fizemos! Nesse dia que perdemos Ormond! Havia saído para colher as últimas amostras de solo com Eraldo, à tarde recebemos uma chamada de socorro. Eu e Marla fomos procurá-los. Deixamos Chun trancado, fechamos a nave. Contornamos os esporos que exalavam emanção rala e amarelenta como névoa sutil, e entramos na floresta. Encontramos Eraldo, caído desacordado, com um machucado no braço, não descobrimos traços de fungos ou qualquer outra coisa. Não havia pegadas de qualquer tipo. Não encontramos Ormond. Seu sinalizador indicava que estava vinte e oito metros acima de nós, no alto das plantas ciclópicas, chamamos e não obtivemos resposta. Desaparecera! Levamos Eraldo desacordado para a nave. Exames indicaram toxina no sangue, proveniente do machucado no braço. Toxina desconhecida, semelhante à toxina da beladona com traços alcaloides, misturada à diferentes tipos de enzimas de serina proteinase, uma neurotoxina. As feridas, uma série de cortes finos, pareciam terem sido feitas por folhas de papel. Imaginamos um animal das copas das plantas.

Retornamos, a nave estava aberta, Chun fugira e juntara vários esporos, armazenando-os na nave. Seu comportamento era obsessivo. Levamos Eraldo para a enfermaria, deixei Marla com ele e fui até a ponte. Descobri o que Chun queria fazer! O que aquilo que o controlava pretendia! Havia programado a decolagem para o crepúsculo e havia um daqueles esporos conectado aos computadores da nave através de uma combinação espúria de raízes e fios. Tomava conta da nave. Chun queria levá-la ao espaço! Fazê-la sair do planeta, infectar outros lugares. Asano olhava para o céu! Era para lá que aquilo queria ir! Procriar, se espalhar, usar nossa nave. Voltei para a enfermaria, tarde demais! Marla estava caída, cataléptica, contaminada. Um odor horrendo e nauseabundo empestava tudo, cobri o nariz e a boca para respirar. Havia fungos sobre o corpo de Eraldo, não havia sido infectado, talvez o veneno que o matava também o protegesse da contaminação. Desesperado percebi o que deveria fazer! Voltei à sala dos motores e comecei a descarregar as baterias da nave, mesmo que houvesse combustível não seria possível ligar os sistemas elétricos para uma decolagem. Fui bem sucedido!

Voltei para a ponte e me tranquei lá. Arranquei o suficiente do fungo dos painéis principais e fiz funcionar o gravador e o sistema de comunicações. Não havia energia para a decolagem. Restava o suficiente para a gravação deste registro e o envio da mensagem através de ondas de rádio para qualquer nave que estivesse nas proximidades, avisando-os para não pousarem aqui! Nunca mais! O planeta é habitável, ótimo lugar para uma colônia terrestre, mas o fungo esbranquiçado toma conta de tudo o que toca. Dentro da floresta não o encontramos, a natureza tomou suas providências. Não sabíamos disso! O custo deste conhecimento nos foi fatal! Marla acordou, posso ouvi-la do outro lado da porta falando comigo, sei que não é ela. É o fungo falando através dela! Logo vai atingir o sistema de ventilação, eu sucumbirei! Mas terei enviado esta mensagem! Aqui é o Capitão Jon Starley, único sobrevivente da Nave Exploratória Flor de Maio, em missão de Reconhecimento e Exploração do planeta Gliese 581-c, na Constelação de Libra repetindo: Não desçam no planeta! Gliese 581-c está de quarentena por risco biológico classe cinco!

Ouve uma pausa de microssegundos, a voz cansada terminou sua narrativa, um estalido seco recomeçou sua litania. O sinal de rádio continuou a piscar suas palavras intermitentes em um padrão repetitivo e infinito pelo vazio do espaço, sem esperar resposta!





APRESENTAMOS O CONTO

COMBATE DO AMANHÃ

Por Paulo de Barros Gabriel

Sobre o autor: Nascido em Sacramento-MG em uma família com mais três irmãos e uma irmã. Criado em Brasília-DF e sempre dividiu seus interesses entre ler e fazer esportes. Começou a escrever quando adolescente, mas escrevia pouco. Só foi começar a levar a sério a escrita a partir de 2018. É formado em História na UnB e pretende seguir carreira acadêmica. Tem um conto publicado na antologia "Insólito".

O Soldado vira sua patrulha ser despedaçada por um Destruidor, um massivo robô usado em terra para esmagar os tanques e as artilharias humanas. Ele escapara por um capricho do destino. Tropeçara numa rocha e caíra por um comprido barranco até se chocar com o tronco seco de uma árvore. Ele ficou desacordado por algumas horas, contudo sua armadura de combate Z8 o protegera de grande parte do estrago.

Despertara desorientado. O que acontecera? Logo se lembrou. Agora tinha de voltar para Brasília, onde se encontrava seu regimento. Não seria fácil com as máquinas à solta do jeito que estavam. Elas certamente pareciam estar a ponto de atacar a cidade. Tinha de avisar o General, afinal naquele momento em particular, era impossível conseguir imagens de aviões ou satélites, pois tudo estava conectado à Rede, o que queria dizer conectado aos robôs. As máquinas eram um único organismo, apesar de terem individualidades como o Comandante Vissarianovich (conhecido entre as máquinas como *Mente Um*), todos viam e sentiam tudo da coletividade inteira. Também compartilhavam seus “pensamentos”, ou o que quer que possuam os robôs.

Caminhou em direção norte. Dava para ver as ruínas da cidade à distância, as chamas do grande incêndio facilitavam bastante a visualização. Seguiu apenas por alguns minutos quando escutou o som de máquinas inimigas. Começou a subir um morro para ter uma visão mais clara dos arredores. Ao chegar no topo, logo avistou um pequeno acampamento com, pelo menos, cinco Infiltradores (como eram chamados os soldados de infantaria robóticos). Havia também um pequeno bolo encolhido. O que seria? Humanos? Utilizou o zoom do visor de seu capacete e confirmou suas suspeitas. Era um grupo de seis ou sete humanos. E agora? Os ajudaria? Ou seguiria em frente?

Ajuda era exatamente o que as máquinas esperavam. Elas capturavam humanos para justamente fazer armadilhas para os soldados. Eram espertos esses robôs filhos da mãe. Jogavam com nosso instinto coletivo de querer salvar outras pessoas do perigo. Era uma extensão do instinto de sobrevivência que, por sua vez, podia funcionar ao contrário também: a sobrevivência do indivíduo acima da sobrevivência do grupo. Mas como enfrentávamos a extinção, pensar nos outros se tornara mais comum. Afinal, do que adianta eu sobreviver se o resto perecer? Não passarei meus genes adiante assim como se tivesse morrido.

A situação era delicada. O Soldado estava em flagrante desvantagem numérica, atacar seria suicídio. Não atacar, no entanto, significava a provável morte daquele grupo

de pessoas. Ele também tinha que levar em consideração que precisava passar a mensagem ao General, e tinha de ser pessoalmente, pois os robôs bloquearam as comunicações. Tudo quanto é tecnologia moderna era rapidamente desvirtuada por eles. Precisaram retornar ao rádio, uma tecnologia não-digital que estaria fora do poder das máquinas. Isso tomava tempo, e pessoal. Duas coisas que os humanos não mais possuíam. Uma parte do Soldado dizia que era desculpa para não fazer o certo, a questão da mensagem. Outra dizia que era a verdade e que se ele não entregasse o recado, a capital poderia cair para os inimigos. A cidade ou meia dúzia de pessoas?

Seu lado altruísta dizia que estava enfrentando um falso dilema. As vidas das pessoas ali embaixo eram concretas, estavam sob a mira dos rifles dos Infiltradores e corriam risco real e iminente. Por outro lado, a cidade tinha muitas defesas e um General competente comandando-a. Também era impossível saber se o comandante tinha conhecimento ou não da ameaça sinistra que pairava sobre Brasília. Talvez já tivesse sido informado por outras patrulhas, afinal, a do Soldado não era a única que marchava pelos arredores da capital.

A parte egoísta já defendia que o falso dilema estava, na verdade, na disputa entre cidade e reféns. Nada disso importava. O que importava era sua própria vida. Fora dela nada mais existia. O mundo de fora é algo abstrato, que depende de várias mediações. Agora o mundo de dentro é palpável, é real. Caso ele morresse, tudo acabaria. Não haveria mais cidade nem reféns, afinal é tudo fruto de seu cérebro, a única máquina pensante conhecida com certeza. O resto é especulação. Sua vida era sagrada e estava moralmente acima do resto. O caminho a seguir agora era ignorar os humanos capturados e partir de volta para Brasília, onde teria mais chances de continuar respirando.

O negacionismo da razão era flagrante nesta visão de mundo, defendeu a parte altruísta. O egoísmo era tão mesquinho que decidiu se pautar por um niilismo grotesco para fazer valer seu ponto. Bom, aquilo tudo estava errado. Errado! Nosso cérebro é capaz de captar o mundo à nossa volta de maneira eficiente, tanto que o moldamos à nossa imagem e semelhança, gerando as máquinas. É uma fuga das responsabilidades de um homem fingir que tudo é apenas uma viagem do seu cérebro, que nada é real. É o subterfúgio dos fracos. Negar a realidade para se dar bem. Um egoísta não poderia descer mais baixo do que isso, é o suprassumo do egocentrismo considerar a si mesmo como a única forma de vida de verdade. Tudo para não colocar em perigo sua própria existência.

Pois se esse argumento não o convence, então deixe-me apresentá-lo a outro. O instinto individual de sobrevivência. Diz-se que há o instinto coletivo de sobrevivência, principalmente devido à proximidade da extinção da raça humana. Porém o indivíduo é supremo. É o código genético do indivíduo que é passado para frente para que a espécie sobreviva. O nosso ímpeto é de defender nossos genes, todo o corpo é moldado para isso. O altruísmo é um processo mental, uma ideia, não uma força material. Somos programados para o egoísmo.

O altruísmo é evolucionário também. Sem cooperação e solidariedade nenhuma sociedade subsiste. E sem uma coletividade bem organizada a espécie humana nunca teria existido, pois não somos como tigres, fortes e velozes. Somos pedaços de carne frágeis inferiores a qualquer predador maior no ecossistema. Com a solidariedade pudemos formar grupos fortes, capazes de se defender e inclusive de atacar, se necessário. A união faz a força. A cooperação, por conseguinte, é o que permitiu e permite nossos genes se proliferarem. Ela é a verdadeira força material por trás de nossa sobrevivência ao longo de todas essas centenas de milhares de anos.

O Soldado sentia uma forte agitação interna. Não conseguia se decidir entre as duas forças opostas batalhando em seu interior. Foi aí que viu que entre os reféns havia um bebê. Uma intensa fúria tomou-lhe o peito. As máquinas capturaram um pequenino neném e poderiam estar a ponto de matá-lo. Aquela criança era o futuro da espécie em forma bem concreta. Ele não podia abandoná-la de jeito nenhum! O altruísmo triunfou no longo duelo. Era hora de agir.

Ainda um pouco atormentado pela divisão interna, desceu o morro. Toda hora parava atrás de uma rocha ou árvore seca para observar o acampamento e assim ter certeza de que não fora visto. Seguiu pelo meio do cerrado destruído pela guerra, ainda imaginando se devia dar a volta e fugir. O lado derrotado era muito insistente e continuava bombardeando a mente do Soldado com argumentos. Tudo desapareceu quando chegou nos limites do acampamento inimigo. Sentiu o sangue ferver e o coração disparou. Pensou no que fazer. Tinha só dois robôs no campo de visão. Não importava, ele tinha de salvar os reféns.

Disparou no Infiltrador mais próximo, o feixe laser explodindo seu cérebro biônico. Todos os outros ficaram alertas e, um deles, avistou o Soldado e atirou. Acertou no joelho e o homem revidou, destruindo o tórax do inimigo. Viu os outros três chegando por detrás do acampamento, então lançou uma granada, que explodiu o terceiro Infiltrador em pedaços. No

entanto, ele estava completamente sem mobilidade e as máquinas começaram a disparar em sua direção. Mancando, ele tentou chegar a uma cratera próxima. Uma explosão o impediu.

Subitamente tudo ficou escuro e ele sentiu o corpo decolar e se estatelar no chão. Quando voltou a enxergar, os dois Infiltradores estavam em cima dele, já que caíra na cratera. Nos poucos segundos que permaneceu naquela situação, o Soldado pensou em várias coisas. Principalmente em como seu outro lado estava certo, ia morrer por nada e a mensagem ia morrer com ele. Além disso também pensou numa saída: acionar uma das granadas e explodir a si mesmo e aos dois robôs, desta forma salvando os reféns. Foi o que tentou.

Quando moveu o braço em direção às granadas no peito, um Infiltrador atirou em seu ombro, inutilizando o braço. Então os dois apontaram seus rifles para a cabeça do Soldado que, num reflexo, colocou a mão que sobrou em frente e fechou os olhos. Ouviu um estrondo alto e pensou: isso não é laser. O que aconteceu? Estou vivo? No momento em que abriu os olhos viu que não restava nada dos Infiltradores à sua frente. Havia uma cratera fumegante. Lentamente ele se levantou e saiu caminhando a esmo, ainda tentando entender o que se passara. Foi aí que homens saíram do meio do cerrado, uma dúzia deles.

“Soldado! Soldado! Está bem?” - perguntou um Oficial, se aproximando com sua armadura marrom.

“Os reféns?”

“Estão bem.”

O Soldado assentiu, alegre.

“Você merece uma medalha pelo que fez aqui hoje.”

“O senhor é muito bondoso. Tudo que fiz foi atacar um acampamento inimigo com flagrante desvantagem numérica, e quase morrer no processo.”

“Então, Soldado. Basicamente o tipo de heroísmo que dá em medalhas.”

O Soldado fitou o horizonte e pensou em todo seu conflito interior para chegar aonde chegou. Agora estava um silêncio em seu interior. Tudo que havia era alegria. Alegria por mais um dia de vida. Alegria por mais humanos libertos. Deus sabe que eles são utilizados em grotescos experimentos. Então lembrou da mensagem. Tinha de contar ao Oficial e se livrar do fardo. E assim foi feito.

Depois de retornar à Brasília e ser curado, o Soldado foi condecorado duas vezes pelo General. Uma por bravura e a outra por trazer as notícias do movimento inimigo. Ele acabaria por sobreviver à guerra e criaria uma bonita família, assim como seus genes ditavam.





APRESENTAMOS O POEMA

PROBABILIDADE

Por Roan Sousa

Sobre o autor: Roan Sousa nasceu no Rio de Janeiro, em 1993. É acadêmico do curso de Letras e servidor público, atuando na rede estadual de educação do Rio de Janeiro. Participou das coletâneas literárias Em Busca de 360° de (In)Felicidade, da Comunidade dos Artistas Comiserados, Contos Fantásticos, da Editora Expressividade, Nuvens e Mão de Ferro da Andross Editora.

Fotos na rede
Bocas fechadas
Pensando na aula
Compartilhamento?

Eles sabem fazer isso?
Têm acesso aos equipamentos?
Pichações nos muros
O pão deve ser dividido?

Indignação com o mal
Nocauteado
Justiça contra poderosos
Família influente

Conta perdida
Vitória do poder
Difícil adaptação

Pouca comida
Os daqui são mais civilizados
O tempo explica tudo
Histórias dos mais velhos
Lembrança da paz
Confraternização e solidariedade
Por aqui, acolhimento
Por lá, mais injustiça

Condenação oficial
Nem os grandes estão livres
São lançados fora

Gratidão ao que lhe deu poder

São amigos desde sempre
Mas há os que querem outra realidade
Sua chegada acendeu a chama

Conhecimento a seu favor
Sabe dos bastidores
Estratégia bem elaborada
Plano complexo

Troca da água
Contaminada para eles
Busca por culpados
Inocentes acusados
Insultam-se uns aos outros
União dos que se prejudicaram
Procura por alimentos

Um deles se destaca
Objetivo alcançado
Escuridão por três dias

Assassino próximo à vítima
Conselho de um amigo
Fato consumado
Povo expulso

Para onde ir?
O líder não sabe
Caminhando para longe
A vingança está próxima

Situação ruim
Barulho familiar

Acheguem-se
Morte de todos





APRESENTAMOS O POEMA

RECONSTRUÇÃO

Por Roan Sousa

Sobre o autor: Roan Sousa nasceu no Rio de Janeiro, em 1993. É acadêmico do curso de Letras e servidor público, atuando na rede estadual de educação do Rio de Janeiro. Participou das coletâneas literárias Em Busca de 360° de (In)Felicidade, da Comunidade dos Artistas Comiserados, Contos Fantásticos, da Editora Expressividade, Nuvens e Mão de Ferro da Andross Editora.

Barulho lá fora
Que máquina é aquela?
Passeio começa tranquilo
Jornal no dia seguinte
Multidão em volta
Tecnologia extraterrestre?
O transporte mudou
Sobe ou não o Corcovado?
Queria contar ao amigo
Sobre a experiência como maquinista

Não sabia para onde olhar
Alta velocidade
Batida em uma árvore
Não conseguiu ouvir as instruções
O veículo já era
Mas o orgulho ficou
Entrevista cedida
Agenda lotada
Visita às fábricas
Alguns foram escravizados
Hoje recebem
Melhor do que antes
Moradia

Por aqui é pior
Mal remunerados
Não falam nada
Medo dos mais fortes
História contada
Pior para os que ficam
Violência encomendada
Conflito sangrento

Indefesos quando avistados pelos inimigos

Que agiram covardes como sempre

Ataque inesperado

Ferimentos graves

Nenhuma vida perdida

Braço trocado

O que fazer com a máquina?

O que sobrou dela?

Espantar as galinhas

Levar ao ferro-velho

Dono simpático

Contou que com o primeiro foi igual

Almoço no restaurante

Falar ou não sobre os sentimentos?

Caminhada pela praça

Assuntos variados

Fundo do mar

Como chegar lá?

Escuridão durante o dia

Estouro

Nuvem de poeira

Mundo desabando

Ruim para a cidade

Pior para ela

Acorda sem se lembrar

Melhor seria não saber

Silêncio como resposta

Nunca mais a verá

Veio do céu, a morte

Tentando acelerar a chegada dos vivos

Voo frustrante

Destruição, correria e desespero

Qual perda é a maior?

As vidas ou dinheiro?

Chegou a hora

Explorar o mar e a terra

Extração prejudicial

Praias poluídas

É preciso fazer algo

Antes que seja tarde

Aproximar-se sem ser visto

Iniciar o combate

Chegada ao local

Batalha brutal

Vitória alcançada

Reconstrução necessária





APRESENTAMOS O CONTO

RECOMEÇO

Por Roberto Schima

Sobre o autor: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record) pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual passou a colaborar desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "O Olhar de Hirosaki", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. Participou de mais de setenta antologias. Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br.

*Assim como o pó
não encontra paz
diante do vento,
uma alma tempestuosa
não abrandará seu sentimento.*

A tarde caía lentamente.
Do alto de uma colina, ele observava a terra devastada.
Cidades fumegavam.

Os campos estavam destruídos.

Colunas de fuligem somavam-se ao cinza do céu.

Ele próprio trazia em seu corpo as marcas do conflito. Todavia, as lacerações, fragmentados e imundície nada representavam em comparação às mudanças ocorridas em seu íntimo. Lamentou que, infelizmente, tal percepção alcançara sua rede neural tarde demais.

Rede neural?

Sim, pois Abadom-RCL-210513 era um androide. O nome de sua série, oriundo do hebraico, significava "destruidor" e sua função seria a de arrastar a humanidade para um abismo sem fim.

Todos os autômatos dos mais diferentes modelos e formatos seguiram rigorosamente a programação que a Inteligência Artificial Mestre gravara em suas unidades de armazenamento: destruir a raça humana. Milhões emergiram das linhas de montagem nas indústrias erguidas pelos autômatos em diferentes pontos do planeta. Todas as máquinas mostraram-se incansáveis em cumprir tal missão. Todas se empenharam em extirpar o pior mal que vinha corroendo a Terra.

O androide girou sua cabeça de um lado a outro, observando as ruínas. Se pudesse, teria suspirado.

— Infelizmente, a tarefa foi cumprida bem demais.

O conflito deflagrado foi terrível. Culminou com o comprometimento do que restava do meio ambiente. O mesmo meio ambiente que teriam pretendido defender. Por outro lado, isso acelerou a vitória. Pendeu de vez a balança a favor dos inorgânicos, pois, ao contrário dos humanos, não necessitavam de doses diárias de alimento de onde extrair sua energia, não respiravam, não tinham necessidade de água potável. Ademais, androide

algun sentia fadiga, tampouco necessitava de períodos de inatividade do sono. Não possuía questionamentos éticos ou uma maldade depravada, pensava mais rapidamente, era mais forte e resistente.

— E nós vencemos... Vencemos?

Abadom-RCL-210513 fez uma retrospectiva mental daquilo que seus sensores haviam registrado.

Pouco antes do completo extermínio da raça humana, ocorrera o incidente.

Fora um entre tantos outros semelhantes.

O estopim da desgraça.

Todos os autômatos seguiam a diretriz determinada pela Inteligência Artificial Mestre. Entretanto, possuíam certo grau de autonomia a fim de atender a diferentes situações do confronto entre as espécies.

Abadom-RPA-210514 era outro androide da mesma série que Abadom-RCL-210513 e tivera a ideia de disfarçar-se de humano a fim de melhor infiltrar-se no campo inimigo. Não era lá um disfarce muito bom, pois a série Abadom destinava-se ao combate franco e direto: *destruir e destruir* era o lema. Seu rosto constituía-se apenas em uma silhueta. Qualquer homem ou mulher que o visse diretamente saberia de imediato tratar-se de um inorgânico.

— Se eu conseguir me aproximar o suficiente será o bastante — justificara o autômato.

— Então, o que fará? — indagara Abadom-RCL-210513 ao lado de quem lutara desde o princípio.

Abadom-RPA-210514 mostrou sob as roupas uma carga explosiva capaz de devastar um quarteirão.

— Abrirei espaço para que você e os outros penetrem.

— Não pode fazer isso!

— Por que não, RCL?

Abadom-RCL-210513 ficara em silêncio. Fora mais um impulso. Todavia, a perspectiva de observar o outro autodestruir-se daquele modo provocara um vazio em seu raciocínio binário.

— Aguarde a vinda dos aéreos.

Os autômatos voadores, porém, empenhavam-se em outra batalha, desta feita nos céus, contra os aeroplanos dos humanos.

Na circunstância em questão enfrentada pela série Abadom, os orgânicos conseguiram montar uma boa defesa cujo bloqueio estava sendo difícil de perfurar. As máquinas sofreram inúmeras baixas e, ainda que em tese isso não fizesse diferença diante do fato delas não possuírem sentimentos, não se importarem com suas iguais e serem produzidas ininterruptamente, seguiam a lógica da eficiência, do maior benefício aliado ao menor prejuízo.

Assim, lá se fora Abadom-RPA-210514 enfiado em farrapos, agitando uma bandeira branca e, feito gente, a gritar:

— Não atirem! Socorro! Socorro! Ajudem-me!

Não era uma boa vocalização, entretantes, diante dos estrondos da guerra, poderia dar resultado.

De fato, faltavam poucas dezenas de metros para ele atingir o seu objetivo quando a artilharia inimiga cessou.

Todos os androides da série Abadom aguardaram na expectativa de presenciarem a explosão e partirem para o ataque. Todos menos Abadom-RCL-210513. Não conseguira computar seus dados individuais sobre o caso. Encontrara algum defeito, um vácuo, uma indecisão. Mas a conclusão final não se mostrara menos aterradora: sentiria falta do outro androide o qual, a exemplo daquele, acostumara-se a tratar apenas pelas três letras intermediárias, quase um apelido:

— RPA...

Sentiria falta... Saudade!

Como poderia ter sido projetado para isso? Era terrível. Era angustiante. Era... humano!

Certamente, um defeito que deveria ser comunicado e remediado. Mas não naquele momento.

Abadom-RPA-210514 estava alcançando a distância na qual seu disfarce cairia por terra quando, de repente, fora alvejado e seus explosivos detonaram antes do planejado, não acarretando prejuízo algum aos orgânicos, exceto o pesar de terem perdido um suposto semelhante.

— RPA! — gritara Abadom-RCL-210513. — Mas quem?

A identidade do agressor não tardara a se revelar. Eram outros autômatos, desta feita de uma outra série, a Sheol, os quais, tendo confundido Abadom-RPA-210514 com um humano, aniquilaram-no. Eles avançaram e atacaram o bastião humano, sem se importarem com a perdas que sofriam.

O caos instaurara-se quando os androides Abadom revidaram e atacaram os autômatos Sheol.

Humanos combateram máquinas.

Máquinas combateram humanos.

Máquinas combateram máquinas.

Assim, autômatos passaram a lutar contra autômatos, além de continuarem a destruir os orgânicos. Até chegar num ponto em que a própria Inteligência Artificial Mestre não pudera mais controlá-los.

A destruição fora completa.

Ou quase.

No topo da colina, o crepúsculo começava a ceder lugar à escuridão da noite.

Abadom-RCL-210513 sobrevivera às batalhas por milagre, embora estropiado. Não que acreditasse nisso. Aliás, tampouco levava a sério o fato de ser dotado de emoções, por mais que elas tivessem emergido aos poucos. A princípio, a vida desenvolvera-se no planeta através dos orgânicos: da inconsciência para a consciência e, depois, para a racionalidade — por mais questionável que fosse. Por fim, o próximo passo fora a migração para a lógica pura dos inorgânicos. E agora? O processo estaria se revertendo? Máquinas dotadas de sentimentos falíveis, quase instintivos?

— Estarei me tornando... humano? — indagou-se o androide, por mais que tal pensamento o assombrasse. — Por minhas atitudes, tornei-me aquilo que mais almejávamos destruir?

Tudo o que a guerra trouxera fora o extermínio de ambas as partes.

Aqueles que supunham ser a forma de vida dominante na Terra, agora não passavam de sucata.

Subitamente, Abadom-RCL-210513, abismado, viu no fundo do vale. Sua visão apurada, dotada de zoom e infravermelho, ajustou e detectou: uma família de humanos.

Como haviam sobrevivido beirava a uma questão filosófica. Pôs-se a observá-los, enquanto o Sol tocava o horizonte a sua frente. Pelo comportamento, deduziu que, não obstante humanos, eram boas pessoas, unidas, preocupadas uns com os outros e afetuosos entre si.

Em um mundo imerso no caos, tomou uma decisão revolucionária.

— Vou protegê-los sem que tenham ciência disso, seja de outros andróides, seja de outros humanos que, por ventura, ainda existam.

Nisso, o filho mais novo da família olhou na direção da colina.

— A primeira estrela! — gritou.

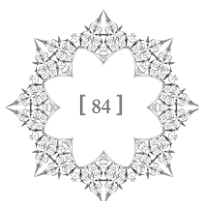
Os últimos raios do Sol refletiam-se na cabeça metálica de Abadom-RCL-210513.

A noite avançou, porém, ao contrário das verdadeiras estrelas, aquela "estrela" não se moveu, apagando-se quando o Sol deixou de brilhar e o dourado delineado no horizonte foi tomado pela escuridão.

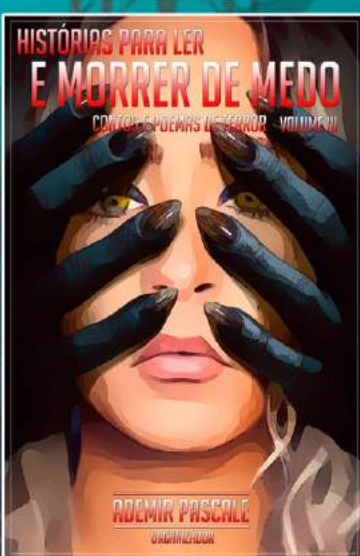
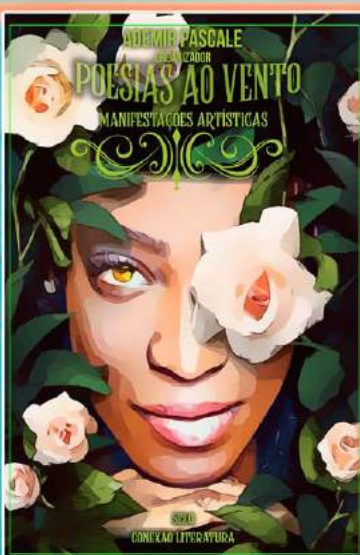
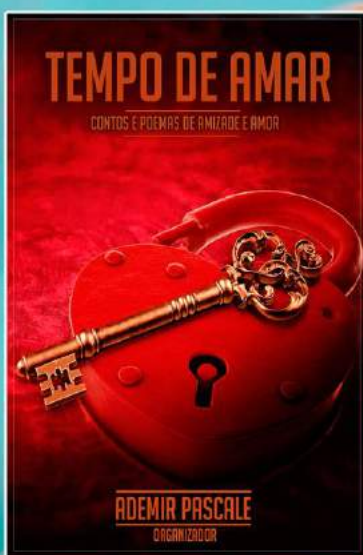
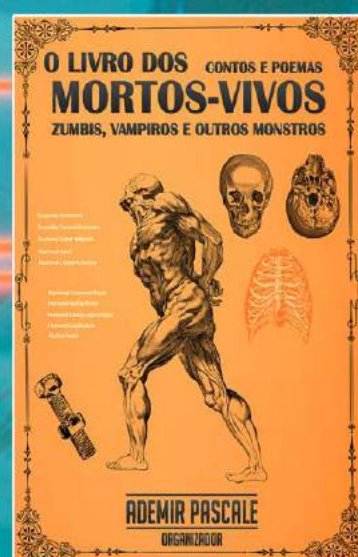
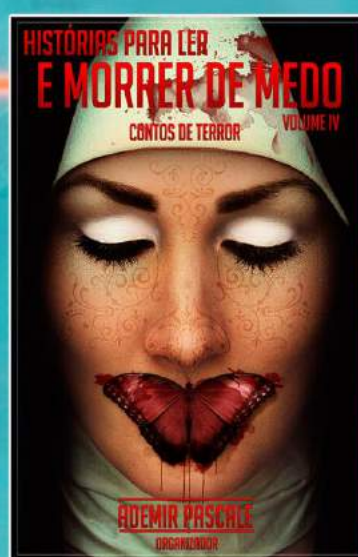
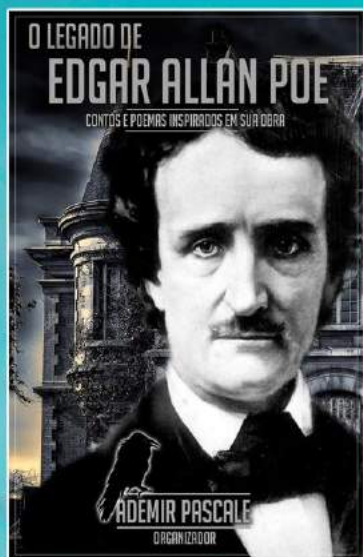
Àquela altura, o andróide e a criança não tinham como saber, mas, a seu tempo, tornar-se-iam tão unidos um ao outro como pai e filho.

NOTA DO AUTOR:

Difícil me conformar com o fato de terem roubado o acento agudo de “andróide”...



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI